



O mundo como lugar de poderes no «Livro do Conhecimento»

Paulo Catarino Lopes

SEPARATA DE

ARMAS E TROFÉUS
REVISTA DE HISTÓRIA, HERÁLDICA, GENEALOGIA E ARTE

IX SÉRIE
TOMO XVII
2015

O MUNDO COMO LUGAR DE PODERES NO «LIVRO DO CONHECIMENTO»

*Paulo Catarino Lopes**

Pelo seu conteúdo e estrutura narrativa, os livros de viagens constituem uma fonte privilegiada quer para o estudo da concepção do mundo durante a Idade Média, quer para a análise da realidade coeva da sua própria elaboração. Autêntico guia prático para viajar, pois fornece preciosas informações geográficas e históricas acerca das regiões visitadas, o *Livro do Conhecimento*¹ é um exemplo paradigmático deste facto.

Para além de constituir uma compilação notável de bandeiras e escudos heráldicos, e de conter uma preciosa componente de *mirabilia*, que inclui diversos seres monstruosos, o *LC* destaca-se no contexto dos relatos de viagens medievais pelo facto de o seu conteúdo oferecer uma mundividência que podemos imaginar representativa dos homens ibéricos do século XIV. Trata-se de uma síntese histórico-geográfica que expressa o modo como a península olhava o mundo, fazendo com que não fosse já a Bíblia a dar sentido ao espaço, mas a viagem e tudo aquilo que com ela se relaciona, seja o encontro com um meio estranho, seja a informação histórica, política ou geográfica dos territórios percorridos.

* Do Instituto de Estudos Medievais (IEM – FCSH/NOVA); Centro de História d'Aquém e d'Além Mar (CHAM – FCSH/NOVA); Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Artigo desenvolvido no âmbito de um Projecto de Pós-Doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BPD/97963/2013)

¹ A partir deste ponto do texto, a designação do documento surgirá sempre de forma abreviada: *LC*.

Noutra vertente, o *LC* é um texto de vanguarda que antevê o modernismo, pois contém uma vertente utilitária (constitui uma perfeita relação entre cartografia e conhecimentos letrados) e dá a ver o mundo como um conjunto de poderes, claramente repartidos, e não de comunidades. É uma concepção nobiliárquica do espaço. Tudo é pertença de alguém.

Examinar as virtuosidades deste singular documento enquanto instrumento de apreensão, compreensão e representação, por um lado, da realidade coeva do autor e, por outro, da forma como então se concebia o mundo na Península Ibérica, constitui o principal objectivo do presente artigo.

1. Cópias manuscritas existentes

Actualmente existem quatro cópias de um original desconhecido, estando duas, os manuscritos N e Z, incompletas:

- Manuscrito N (Madrid, Biblioteca Nacional, Ms. 9055)
- Manuscrito R (Salamanca, Biblioteca de la Universidad, Ms. 1890)
- Manuscrito S (Madrid, Biblioteca Nacional, Ms. 1997)
- Manuscrito Z (Munique, Bayerische Staatsbibliothek, Cod. Hisp. 150)

A primeira edição de um manuscrito do *LC* foi realizada por Marcos Jiménez de la Espada, em 1877². Esta edição pioneira, e durante muito tempo única, baseia-se no manuscrito S e anota algumas variantes de R e N. Partes desta edição foram publicadas em várias obras, salientando-se o facto de a mesma ter servido de base à tradução inglesa do *LC* por Clements Markham, em 1912³. De resto, em 1980, esta edição de 1877 foi reproduzida em fac-símile com uma apresentação por Francisco López Estrada.

A edição da obra em microfichas, em 1993, por Nancy F. Marino, oferece uma transcrição paleográfica de S, R e N, com as suas concordâncias, mas sem ilustrações.

² Cf. *Libro del conocimiento de todos los reynos et tierras et señoríos que son por el mundo et de las señales et armas que han cada tierra et señorío por sy et de los reyes et señores que los proueen, escrito por un franciscano español á mediados del siglo XIV*, Marcos Jiménez de la Espada (ed.), Madrid, T. Fortanet, 1877.

³ Cf. *Book of the knowledge of all the kingdoms, lands, and lordships that are in the world, and the arms and devices of each land and lordship, or of the kings and lords who possess them*, Clements Markham (ed.), London, Hakluyt Society, 1912; Kraus Reprint, Millwood, 1967.

Finalmente, em 1999, com base na descoberta recente de uma quarta cópia do *LC*, María Jesús Lacarra, María del Carmen Lacarra Ducay e Alberto Montaner trouxeram à luz a edição do manuscrito Z⁴.

Estes investigadores demonstraram nos seus estudos introdutórios à edição, as diferenças paleográficas e codicológicas existentes entre os quatro manuscritos. Com base nos dados aí fornecidos, concluímos que, ao nível do conteúdo literário válido para uma análise historiográfica do *LC*, existe uma evidente linha comum entre os manuscritos. O que, aliado ao facto de o manuscrito Z superar em interesse artístico, heráldico e, consequentemente, crítico as cópias já anteriormente conhecidas, permite avançar hipóteses no âmbito da temática da visão ibérica do mundo.

A existência actual de quatro cópias manuscritas de um original perdido implicou, ao nível metodológico, algumas opções da nossa parte no estudo do *LC*. Com efeito, neste contexto, optámos pela análise da edição de duas delas, as respeitantes aos chamados manuscritos S e Z.

Esta opção fundamenta-se, sobretudo, no facto de ambos os manuscritos se complementarem, o que é muito importante dada a existência de uma lacuna em Z. Quando tomados em conjunto, S e Z permitem obter um modelo que consideramos bastante próximo daquele que seria o manuscrito original. Por outro lado, o manuscrito S, de proveniência castelhana, está completo e não difere substancialmente dos códices N e R, igualmente castelhanos. As poucas diferenças existentes desaparecem quase totalmente quando o manuscrito S é complementado com Z.

De salientar que o manuscrito Z – uma cópia tardia realizada em Aragão na segunda metade do século XV sobre algum original castelhano perdido – constitui o exemplar mais rico do ponto de vista artístico e heráldico (figuras, bandeiras e escudos), ainda que esteja incompleto (falta cerca de 20% do texto original). Para além disso, veio trazer uma nova luz sobre diversas problemáticas fundamentais que rodeiam o *LC*, nomeadamente ao nível da datação e da autoria.

2. A autoria e a datação do *LC*

Enigmas que rodearam o *LC* desde que começou a ser alvo de estudo prendem-se com a autoria e a datação do mesmo. Quem é, de facto, o autor do texto? E quando foi redigido o *LC*?

⁴ Cf. *Libro del conocimiento de todos los rregnos et tierras et señorios que son por el mundo, et de las señales et armas que han*, María Jesús Lacarra, María del Carmen Lacarra Ducay y Alberto Montaner (ed.), ed. facsimilar del Manuscrito Z (Múnic, Bayerische Staatsbibliothek, Cod. Hisp. 150), Zaragoza, Institución “Fernando El Católico” (CSIC), 1999.

Em relação à autoria, avançamos a hipótese de o anónimo criador do *LC* ser um letrado leigo e não, como durante muito tempo se defendeu, um franciscano. Era, sem dúvida, bom conhecedor dos mapas da época e com acesso quer a esses mapas, quer às obras literárias clássicas, bem como aos armoriais coevos.

De salientar que, apesar de revelar em determinadas ocasiões um certo conhecimento da Antiguidade, o autor evidencia mais segurança e amplitude no conhecimento dos saberes da geografia, da cartografia, da política, do comércio e da história do que nos da teologia ou das artes liberais.

Os dados extraídos da fonte fazem-nos assim avançar duas possibilidades. A primeira de que o autor do *LC* estaria de alguma forma ligado à actividade comercial e ao mundo urbano, muito provavelmente através da comunidade hebraica de Sevilha ou, sobretudo, de Maiorca, dada a proximidade com o mundo mercantil da periferia não cristã, ou seja, o Norte de África e o Médio Oriente, e dado o peso evidente da cartografia maiorquina no *LC*. A segunda, tendo em conta o recurso que faz da heráldica e a visão do mundo daí resultante, de que o autor é alguém eventualmente associado ao universo aristocrático palaciano, ou seja, um cortesão. Também aqui a ligação ao mundo urbano é pertinente.

No que concerne à datação da obra, e não colocando em dúvida a data de nascimento apresentada pelo próprio autor no texto, a hipótese que consideramos mais adequada é a de que em torno de 1385, o autor redigiu um texto que teve por base a sua própria experiência, as informações que lhe chegavam por terceiros, os dados fornecidos pelas obras literárias clássicas que ia consultando e, sobretudo, os dados contidos em um ou mais mapas concebidos entre 1350 e 1375. A partir de então e até pouco depois de 1390 efectua alguns acrescentos pontuais relativos a acontecimentos recentes de que ia tendo notícia e que considerava fundamentais⁵. Exemplos destes acrescentos serão as referências ao Grande Cisma do Ocidente, à conquista da ilha de Eubeia pela República de Veneza e à morte do genovês Lanzarotto.

⁵ Acerca desta questão veja-se “*El Libro del Conosçimiento: un viaje alrededor de un mapa*”, *op. cit.*, pp. 83-84; Martín de Riquer, “La heráldica en el *Libro del conosçimiento*, por tercera vez”, *op. cit.*, pp. 150-151; Maria Jesús Lacarra y Alberto Montaner, “Análisis codicológico y tradición del manuscrito Z” in *Libro del conosçimiento de todos los rregnos et tierras et señorios que son por el mundo, et de las señales et armas que han*, *op. cit.*, pp. 22-23; Peter E. Russell, “La heráldica en el *Libro del conosçimiento*”, *op. cit.*, p. 690.

3. Uma vertente didáctica

O *LC* é, antes de tudo, um relato de viagens, cujo esqueleto assenta na narração de um vasto itinerário pelas partidas do mundo então conhecido. No entanto, todo o desenvolvimento discursivo tem por alicerce uma clara intenção didáctica, geográfica e histórica. Afinal, como o próprio título da edição de Jiménez de la Espada indica, trata-se do «Libro del conocimiento de todos los reynos et tierras et señoríos que son por el mundo et de las señales et armas que han cada tierra et señorío por sy et de los reyes et señores que los proueen»⁶.

Diversos são os momentos em que a feição pedagógica do *LC* sobressai como fundamento discursivo. No entanto, um existe que se destaca pela clareza e objectividade ímpares, a saber quando o autor declara que «Los camjnos çiertos para Catayo son dos: (...)»⁷. Aqui a obra impõe-se como um genuíno guia geográfico.

A este propósito, Joaquín Rubio Tovar assinala que «El título del *Libro* señala bien claro que su objetivo es dar a conocer noticias de una determinada realidad; lo importante parece, pues, la información que se transmite.»⁸

Assim, na essência, o leitor do *LC* está perante uma síntese dos conhecimentos geográficos coevos da concepção da própria obra, complementada com informações de história, política e heráldica.

Consideramos, no entanto, que o mais importante é a tudo isto estar subjacente um forte propósito de dar a conhecer a forma nobiliárquica como o mundo está organizado. Por outras palavras, é uma organização senhorial do espaço que o autor pretende revelar.

Em suma, o *LC* é um relato de viagem e um compêndio geográfico no sentido didáctico do termo. Nesta medida, o espaço é concebido de forma dual: por um lado, surge-nos o espaço a percorrer, marcado pela nomeação de lugares sucessivos de forma a induzir uma apropriação simbólica, conforme resulta da utilização de artifícios discursivos do tipo “vine” e “llegamos”, já que tornam verosímil a ilusão espacial de movimento; por outro, surge-nos o espaço enquanto fonte de aprendizagem, que tem na apresentação dos escudos heráldicos dos principais lugares visitados e na exposição dos caminhos certos para Cataio o seu expoente máximo:

⁶ *Libro del conocimiento de todos los reynos et tierras et señoríos...*, Marcos Jiménez de la Espada (ed.), *op. cit.*.

⁷ ms Z, escudo XCII in *Libro del conocimiento de todos los rregnos et tierras et señoríos que son por el mundo, et de las señales et armas que han*, María Jesús Lacarra, María del Carmen Lacarra Ducay y Alberto Montaner (ed.), *op. cit.*.

⁸ Joaquín Rubio Tovar (ed.), *Libros españoles de viajes medievales*, Madrid, Taurus, 1986, p. 63.

«Los caminos ciertos para catayo son dos el vno es por constantinopla et trauesar el mar mayor, et entra por el mar de letana et entra por tierra de auegazia et dende entrar por tierra del Rey dauid et pasar apries de armenia la mayor et atrauesar todo el reyno de armenia la mayor et yr al puerto del fierro et de si entrar enel mar de sara et yr a la ysla de janula por el golfo de monimenti et salir en la ciudad de de trastago et dende tomar camino para norgancio. et desende trauesar los montes caspios et de si a la ciudad de cato et dende al reynado de bocarin et atrauesar toda asia que non fallara ciudades nin villas fasta el jmperio de catayo El otro camino es entrar enel mar mediterraneo et yr a la ysla de chipre et dende a armenia la mayor et dende a la ciudad de sauasto que es en la turquia et yr camino fasta el rio eufrates et trauesallo en la ciudad de argot et trauesar el jmperio de mesopotania et de si llegar al rio de ar et trauersalo por el reyno de la elesia que es el jmperio de persia et trauesar toda persia et yr por la ciudad de toris et dexar el mar de sara a la parte de siniestra et trauesar todo el reyno de siras que no ay ciudad nin villas et trauesar otrosi el reynado de sarmagant et yr siempre contra el leuante por el reynado de sçim. Esta scim no es de la que de suso fablamos porque la otra sçim es en jndia la alta et confina con el mar oriental el qual confina con el jmperio de catayo.»⁹

O tópico, a nível espacial, que torna o *LC* um documento único é o seu carácter totalizador, ou seja, a intenção primordial de incorporar todo o espaço conhecido no relato, ainda que seja apenas mediante simples menções¹⁰. É por isso que o *LC* acaba por funcionar como um relato cartográfico e um imenso mapa “cartografado” em palavras. Como o próprio título indica, trata-se de compreender nada menos que «todos los reinos e tierras e señoríos que son por el mundo». Mas aqui impõe-se uma ressalva: não se trata de um mapa convencional, longe disso; ao invés, é um mapa vivo, dinâmico e pleno de acção, que na figura do seu protagonista/viajante constantemente nos sugere lugares, acontecimentos, lendas e bandeiras.

Ele não fica à espera que o “visitem”, como acontece com os tradicionais planos cartográficos. Antes interpela-nos, chamando a nossa atenção para este ou aquele pormenor que distingue o lugar visitado. Raras vezes um documento geográfico medieval foi tão interactivo: se desejar ir para Cataio pode ir por este caminho, mas também pode optar por aquele... a decisão é sua.

⁹ ms. S, escudo LXXVIII in *Libro del conocimiento de todos los reynos et tierras et señoríos...*, Marcos Jiménez de la Espada (ed.), *op. cit.*.

¹⁰ Cf. Miguel Ángel Pérez Priego, “Estudio Literario de los libros de viajes medievales” in *Epos*, vol. I, 1984, pp. 217-239.

Isto também faz com que o *LC* vá muito para além da tradicional concepção religiosa do espaço, que se exprime na repartição simplista do mundo em território cristão e território infiel. Esta concepção está obviamente presente – França é território cristão, ao passo que o Egipto é muçulmano –, mas não é de forma alguma um factor determinante, pois o mundo surge antes representado numa perspectiva essencialmente nobiliárquica, ou seja, como um amplo conjunto de senhorios simbolicamente diferenciados através da figuração armorial. Isto para além de que muitos destes espaços de poder se encontram sob o domínio de povos gentios, como acontece na África subsariana e no Extremo Oriente.

Neste ponto é pertinente evocar o tópico do público leitor dos livros de viagens tardo medievais. Com efeito, nos finais do século XIV e ao longo do século XV, o público ibérico a que se destinavam os livros de viagens pertencia sobretudo aos círculos cavaleiresco e aristocrático¹¹. Isto porque estas obras correspondiam, mais do que a uma ideologia clerical e letrada, à mentalidade e formas de vida cavaleiresca que marcaram a sociedade peninsular do final de Trezentos e, sobretudo, da centúria de Quatrocentos.

Dito de outro modo, os fiéis e entusiastas círculos nobiliárquicos, ávidos de narrativas que inflammassem o seu espírito de aventura e que, em última análise, legitimassem culturalmente o próprio ambiente vivido na época – no caso português projectava-se a expansão para o Norte de África –, absorviam de forma particularmente intensa os testemunhos, reais ou imaginários, da prática dos caminhos do mundo.

Enquanto livro de viagens detentor de uma determinada visão do mundo, o *LC* está já imbuído deste fenómeno. Nele está patente a orientação e o gosto cavaleirescos, expressos na intenção clara do texto circular como um tratado de geografia política e como uma exposição heráldica das armas de cada um dos lugares e senhorios do mundo¹².

A isto juntamos o facto de, os leitores coevos do *LC* interiorizarem os textos de viagens de uma forma que nada tem a ver com o procedimento actual. Centravam a sua atenção no todo da obra, não operando uma clara distinção entre o facto e o ficcional. O texto tinha por função preencher um vazio e quebrar uma rotina, projectando o leitor no próprio espaço e tempo do texto. Assim, este não se limitava a simplesmente ler a obra; antes interiorizava-a fazendo das referências fornecidas pelo autor as suas próprias referências. O autor, por sua vez, era decisivamente influenciado no processo de criação da obra pelo horizonte de expectativas do público a que esta se destinava. Um e outro influenciavam-se

¹¹ Cf. Miguel Ángel Pérez Priego, *op. cit.*, pp. 235-236.

¹² *Idem, ibidem*, pp. 236-237.

reciprocamente, num processo que podemos definir como pendular de criação e recepção literárias.

4. Viagem real ou viagem imaginária

O *LC* diz respeito a uma viagem real ou a uma viagem ficcional, mero produto da imaginação do seu autor?

O estado actual da investigação¹³ considera, de forma unânime, a viagem descrita no *LC* como ficcional. Daqui resulta que a obra inscreve-se no género específico dos livros de viagens medievais imaginárias¹⁴ – livros em que a leitura das *auctoritas*¹⁵, o estudo dos mapas mais ou menos contemporâneos e a utilização das lendas orais e dos testemunhos de viajantes coevos substituem, em grande medida, os acontecimentos reais vividos pelo próprio autor.

Esta posição veio contrariar a tese, maioritariamente defendida ao longo do século XIX, de que o relato apresentado no *LC* correspondia de facto a uma viagem real. A encabeçar a fileira dos defensores desta premissa destacava-se Marcos Jiménez de la Espada, o célebre investigador que, em 1877, editou pela primeira vez o *LC*.

No entanto, consideramos também a possibilidade de o autor/narrador ter ele próprio protagonizado várias das deslocações incluídas no todo do trajecto – muito provavelmente em épocas diversas daquela a que corresponderá este relato –, bem como a possibilidade de que tenha recebido informação directamente de outros viajantes.

Por outras palavras, tomada como um todo, é certo que o autor não realizou a viagem descrita no *LC*, impraticável, aliás, para a época. Contudo, é bastante provável que tenha percorrido algumas das rotas descritas no texto ou então que tenha recebido a informação sobre as mesmas em primeira mão. Desta forma, esbate-se qualquer investida contra o valor do *LC* enquanto relato de viagem e enquanto fonte preciosa para o estudo da história, da cultura, da geografia e, sobretudo, da mentalidade medievais de meados e finais de Trezentos.

Alinhamos assim ao lado de Francisco López Estrada – autor do prólogo à reimpressão fac-similar da edição de 1877 de Marcos Jiménez de la Espada¹⁶ –,

¹³ Investigadores como, por exemplo, María Jesús Lacarra, Jean Richard, Joaquín Rubio Tovar e Paul Zumthor.

¹⁴ Categoria de que fazem parte textos como o famoso relato de João de Mandeville.

¹⁵ Autores clássicos e medievais considerados a autoridade suprema em determinada matéria. Exemplos maiores são Heródoto, Santo Agostinho e Santo Isidoro de Sevilha.

¹⁶ Cf. *Libro del conocimiento*, Francisco López Estrada (ed.), Barcelona, El Albir, 1980.

Jean Richard¹⁷ e Martín de Riquer¹⁸ contra as posições mais extremadas de autores como Peter Russell¹⁹. Francisco López Estrada defende que:

«esta reunión de noticias (...), algunas de las cuales pueden ser verídicas y proceder incluso de su experiencia, otras verosímiles, comunicadas por otros, y otras (sobre todo, las más lejas de África y Asia) evidentemente procedentes de relatos ficticios, através de tradiciones literarias, o inventadas por la vía de la maravilha, propicia en todo viajero.»²⁰

Para além de cenários geográficos razoavelmente descritos e de pequenos trajectos verosímeis, o texto apresenta diversos factos, personagens e acontecimentos inequivocamente verídicos.

Neste ponto, e no sentido de consolidarmos a nossa posição, achamos conveniente abordar a questão da distinção – e da própria classificação em si – entre “real” e “fictício”. Sintetizando posições antes argumentadas por um investigador português, Peter Russell afirma estar de acordo com Armando Cortesão, que escreveu a respeito: “Não me admira que o frade, homem indubitavelmente lido e dotado de fértil imaginação, tivesse escrito a sua fantástica história; o que me surpreende é que tenha havido pessoas cultas que em tempos modernos pudessem ter acreditado em tão absurda e evidentemente impossível viagem”²¹.

Ora, ao falarem aqui de “tempos modernos”, Cortesão e, através dele, Russell referem-se à primeira fase dos Descobrimentos e a figuras como Jean de Bettencourt e D. Henrique, ou seja, à Baixa Idade Média, período onde esta distinção não se colocava da mesma forma que a colocamos agora. Ou seja, ambos expressam uma opinião «apropriada às realidades de hoje, mas que se revela anacrónica e deformante quando aplicada à observação do passado.»²²

¹⁷ Cf. Jean Richard, “Voyages réels et voyages imaginaires, instruments de la connaissance géographique au Moyen âge” in *Culture et travail intellectuel dans l'Occident médiéval*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1981, pp. 211-220.

¹⁸ Cf. Martín de Riquer, “La heráldica en el *Libro del conocimiento*, por tercera vez” in *Letters and Society in Fifteenth-Century Spain: Studies presented to P. E. Russell on his Eightieth Birthday*, Alan Deyermond and Jeremy Lawrance (ed.), Oxford, The Dolphin Book Co., 1993, pp. 149-151.

¹⁹ Cf. Peter E. Russell, “La heráldica en el *Libro del conocimiento*” in *Studia in Honorem Prof. Martín de Riquer*, Jaume Vallcorba (ed.), Barcelona, Quaderns Crema, 1987, pp. 687-697.

²⁰ *Libro del conocimiento*, Francisco López Estrada (ed.), *op. cit.*, pp. 5-6.

²¹ Peter E. Russell, *op. cit.*, p. 696.

²² Georges Duby, *Sociedades Medievais*, Lisboa, Terramar, 1999, p. 8.

María Jesús Lacarra, Jean Richard²³, Francisco López Estrada²⁴ e Paul Zumthor alertam para o facto desta distinção entre livros de viagem reais e fictícios ser pouco operativa. María Jesús Lacarra salienta mesmo que «las categorías de verdadero, falso, realidad y ficción, literatura e historia nunca han resultado tan inoperantes como al intentar aplicarlas a este terreno»²⁵.

Estabelecer divisões estanques entre “real” e “imaginário” para a época coeva da concepção do *LC* não só é um exercício anacrónico como é também um procedimento nada proveitoso no que toca a compreender realmente o impacto do texto junto do público receptor. A questão central não deverá estar em saber se o autor realizou ou não tal viagem, mas sim em apreender o que é que ele considera importante conhecer no mundo, isto é, o que é fundamental saber e revelar. Em última análise, o objectivo deve consistir em perscrutar a forma como o mundo está representado na descrição desse périplo; a mundividência do autor e da sociedade coeva; a importância da viagem enquanto veículo por excelência para informar e dar a conhecer os universos da ordem e da desordem, do *Eu* e do *Outro*, do conhecido e do desconhecido.

Outro argumento que revela a fraca operatividade da divisão entre relatos reais e fictícios, bem como o carácter simplista destas classificações, reside na

²³ «Le voyage du Franciscain est imaginaire; mais il apporte une description du monde, plus complète que bien d'autres et à laquelle l'itinéraire supposé donne une unité plus facile à suivre que celle que donne, à la même époque, une description comme celle de l'Anonyme de Cologne. Et il a été considéré comme une récit authentique par les hommes de la fin du XIV^e siècle: lorsque Jean de Béthencourt conçoit l'idée d'un empire africain d'où l'on aurait pu "avoir légèrement des nouvelles du Prestre Jehan", c'est à partir du "livre que fit un Frère Mendeant qui environna iceluy pays et fut à tous les ports de mer, lesquels il devise et nomme, et alla par tous les royaumes chrestiens et des payens et des sarrasins qui sont de ceste bende."», Jean Richard, “Voyages réels et voyages imaginaires, instruments de la connaissance géographique au Moyen âge”, *op. cit.*, p. 215.

²⁴ «*El libro del conocimiento...* constituye una de las primeras manifestaciones de los libros españoles de viajes, grupo de difícil encuadre en los quadros literarios pues su valor fundamental se encuentra en la noticia, válida en cualquier consideración de orden cultural, sin que importen sus condiciones poéticas. Sin embargo, en el periodo medieval cualquier manifestación de orden narrativo, bien sea relativa a situaciones reales o bien lo sea a las imaginadas, es un testimonio más para documentar el gran esfuerzo que supuso lograr la condición literaria en las lenguas vernáculos europeas. En este caso, dentro del propósito narrativo, el intento por contar un viaje, establecer un itinerario y describir lo que el autor haya visto es paralelo al de redactar un relato imaginando en el que unos personajes se mueven por los mundos de la ficción; además, suele ocurrir que a veces el dato percibido por el viajero se mezcla con el que recibió por la vía de los libros y no es posible separarlos en el autor medieval. Toda esta confusión se encuentra en *El libro del conocimiento...*», Francisco López Estrada, *op. cit.*, p. 5.

²⁵ María Jesús Lacarra, “La imaginación en los primeros libros de viajes” in *Actas del III Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, Salamanca, Universidad de Salamanca, 1989, p. 501.

intensa interacção entre as obras geográficas e ligadas à viagem. Com efeito, os textos mesclam-se. Uns inspiram-se, ou são até concebidos, com base em outros²⁶. A mesma obra pode ter “diversas” origens, algumas das quais bastante diferentes entre si. Veja-se o caso do famoso *Atlas de 1375*. O autor, Cresques Abraham (1325-1387), que contou com a provável colaboração do seu filho, Jafudà Cresques, serviu-se claramente do Livro de Marco Polo para constituir o corpo das lendas. Por outro lado, apresenta no primeiro painel da sua obra uma descrição do mundo de tipo isidoriano. Outro exemplo é o próprio *LC*, a respeito do qual Joaquín Rubio Tovar assinala «En el mapa catalán de 1375 se lee una frase reproducida literalmente en el *Libro*: “dizen que en esta ciudad [Syras] fue fallada primeiramente la astronomía.”»²⁷

Mas a leitura de diversos outros textos, ora de carácter geográfico mais teórico como as chamadas *Ymago Mundi*, ora mais ligados à prática das deslocções como os relatos de viajantes e peregrinos, ajuda a consolidar esta ideia. A estes dois grupos podemos somar as obras cartográficas, nas quais o material visual é complementado com textos escritos (por exemplo, o portulano e a carta-portulano), e os relatos dos viajantes denominados de “gabinete” como, para além do próprio *LC*, o texto de Mandeville²⁸.

Um derradeiro argumento contra estas classificações e divisões reside na possibilidade de o autor de um relato de viagem fictícia ter ele próprio realizado parte dos percursos aí apresentados, ainda que numa época diferente da assinada no texto. Poderá ser este, como já referimos, o caso do *LC* e, segundo Deluz, do próprio texto de Mandeville²⁹.

Em síntese, os relatos ditos “reais” estão, na Idade Média, repletos de fantasias, ao passo que os relatos classificados como “fictícios” contêm vastas passa-

²⁶ Cf. María Jesús Lacarra, “El *Libro del Conosçimiento*: un viaje alrededor de un mapa” in *Libro del conosçimiento de todos los rregnos et tierras et señorios que son por el mundo, et de las señales et armas que han*, op. cit., p. 78.

²⁷ Joaquín Rubio Tovar (ed.), op. cit., p. 64.

²⁸ Christiane Deluz diz-nos a respeito desta obra que «Mais, bien évidemment, cette oeuvre devait comporter une part, plus ou moins grande, de compilation» in Christiane Deluz, *Le Livre de Jehan de Mandeville une “Géographie” au XIV siècle*, Louvain-la-Neuve, Publications de l’Institut d’Études Médiévales, Université Catholique de Louvain, 1988, p. 39. Mais adiante no seu estudo, Deluz apresenta mesmo um quadro das fontes utilizadas por Mandeville (relatos de peregrinação e viagem [8 títulos], Histórias [3 títulos], enciclopédias [4 títulos], literatura religiosa [5 títulos], literatura recreativa [3 títulos], tratados científicos [1 título], outras obras utilizadas de forma pontual [9 títulos]).

²⁹ «Mandeville a-t-il fait lui aussi partie de ces voyageurs sur les récits desquels il a bâti son ouvre? L’examen du texte donne à penser que., pour plus d’un passage, il a été à lui-même sa propre source.» *Idem, Ibidem*, p. 59.

gens recheadas de informações verídicas, fruto da experiência do próprio autor ou então recebidas de alguém que viajou e registou, ou transmitiu oralmente, o seu périplo.

Como assinala Paul Zumthor «(...) la realidad tiene sus zonas de sombra, difíciles de integrar; la verdad no es tanto un dato natural como el producto de reglas discursivas, en alguna medida aleatorias y sometidas a las irregularidades de la historia. El discurso del relato de viajes nunca se comprueba — ni se puede comprobar — de forma inmediata: es un rasgo único, parentesco innegable con la ficción.»³⁰

4.1. O valor específico dos relatos de viagens imaginárias

Viajar é uma das necessidades mais antigas do homem. E as numerosas obras literárias medievais que se serviram da viagem como motivo central da sua intriga não são senão um pálido reflexo das contínuas peregrinações e viagens protagonizadas pelos seres reais de então. Todavia, a literatura converteu a simples acção de ir de um lugar a outro num acto espiritual de enorme transcendência. Nesta medida, os relatos de viagens medievais adquiriram um estatuto muito especial, independentemente de reportarem a deslocações reais ou imaginárias.

Fazendo recurso da sua própria experiência, de relatos de outros viajantes, de enciclopédias e obras cartográficas que forneciam a informação necessária, os falsos viajantes percorreram na ambiência dos seus gabinetes dezenas de regiões, dando conta da geografia, das bandeiras, das lendas e mitos, dos habitantes e respectivos costumes³¹. Um todo informativo que visava possibilitar o acesso ao conhecimento geográfico por outrem. A partilha era, com efeito, uma das grandes motivações dos protagonistas das chamadas “viagens imaginárias”.

Um período reveste-se de singular importância na história das viagens e dos descobrimentos medievais: a centúria que vai de entre 1245 e 1345. Pela primeira vez entram em contacto Oriente e Ocidente. Os tártaros passam de inimigos a potenciais aliados contra o Islão. Vislumbra-se a reconquista dos lugares santos. Em suma,

³⁰ Paul Zumthor, *La Medida Del Mundo – Representación del espacio en la Edad Media*, Madrid, Cátedra, 1994, p. 291

³¹ Cf. Rafael Beltrán, “Los libros de viajes medievales castellanos” in *Filología Románica*, anejo 1, 1991, pp. 121-164; Pedro Cátedra, “La dimensión interior en la lectura de los libros de viajes medievales” in *Actas del primer congreso anglo-hispano*, Alan Deyermond and Ralph Penny (ed.), vol. II, Madrid, Castalia, 1993, pp. 41-58; María Jesús Lacarra, “El Libro del Conocimiento: un viaje alrededor de un mapa”, *op. cit.*, pp. 77-93.

durante mais de um século, vai-se estabelecer uma corrente que empurrará para os caminhos da Ásia Central e do Oriente longínquo dezenas de ocidentais.

No entanto, em meados do século XIV, a Ásia fecha-se para os europeus. O desmoronamento do império dos tártaros, a conversão ao Islão dos mongóis do Turquestão e do Irão, juntamente com diversas outras causas, como a Peste Negra e o Cisma, fazem com que terminem as missões. Uma consequência deste fechamento está em que a recordação das viagens realizadas começa a desvanecer-se na memória dos ocidentais. É o momento em que, como salienta María Jesús Lacarra, as lendas ancestrais recuperam terreno na mentalidade coeva e relatos menos verídicos começam a impor-se como verosímeis: em torno de 1350, o suposto John Mandeville escreve uma obra que combina um relato de peregrinação à Terra Santa com um livro das maravilhas da Ásia e em data não muito posterior, outro autor desconhecido escreve o *LC*. Com efeito, não é por acaso que estes textos são quase simultâneos. E também não é por acaso que conheceram uma grande divulgação.

Perante a falta de informação em primeira mão, as viagens imaginárias contribuíram para saciar a sede de notícias dos leitores, os quais assimilavam rapidamente estes relatos aos já conhecidos, e verídicos, de missionários e de mercadores³², operando assim uma complexa conexão entre dados autênticos e imaginários, entre actualidade e tradição. Para nós, hoje, eles são diferentes, mas na época coeva não. E o facto de o *LC* ter sido utilizado como fonte e apoio para viagens reais é prova dessa circunstância. Como refere Paul Zumthor: «El autor y su público eran indiferentes al criterio de credibilidad»³³.

María Jesús Lacarra defende que o princípio da credibilidade não funcionava para os autores e leitores destas obras da mesma forma que para os actuais. Os critérios que estavam na sua base eram inequivocamente distintos. Os leitores de então liam a obra segundo uma pluralidade de perspectivas³⁴. Perspectivas essas que, como assinala Hans Robert Jauss, determinavam a concepção das

³² Cf. María Jesús Lacarra, “La imaginación en los primeros libros de viajes”, *op. cit.*, p. 501.

³³ «No se puede decir, efectivamente, desde un punto de vista muy general, que lo que diferencia el “viaje” de todos los desplazamientos humanos imaginables, es que culmina para el viajero en un relato? Caso particular de un hecho más general todavía: cualquier toma de posesión territorial se realiza a través de un relato, aunque sea el que produce o falsifica la prueba de un derecho. Se agudiza una tensión entre la historia (el viaje tal y como fue, y como tal, inefable) y la geografía; entre el tiempo irrecuperable y el espacio permanentemente disponible. Por esta razón resulta inadmisibile, en este nivel profundo, en este tema y en esta época, el criterio que opone, en nuestra mente, lo “real” y lo “imaginario”. El autor y su público eran indiferentes al criterio de credibilidad: se seguía ilustrando con dibujos fantásticos el texto de Marco Polo ciento veinte años después de que fuera dictado!» in Paul Zumthor, *op. cit.*, p. 290.

³⁴ Cf. María Jesús Lacarra, “El Libro del Conocimiento: un viaje alrededor de un mapa”, *op. cit.*, p. 78.

próprias obras³⁵. A tese deste investigador baseia-se no conceito central de *horizonte de expectativas*, o qual se define pelo conjunto de expectativas culturais, éticas e literárias manifestadas pelos leitores no preciso momento histórico em que a obra surge. Jauss defende que, para além da tradicionalmente aceite estética de produção e representação, existe outra ainda mais determinante, pois, situada a um nível profundo, está na base dessa própria produção: uma estética de recepção e influência. Esta estética tem por alicerces a precedente experiência literária dos leitores e, sobretudo, o seu horizonte de expectativas relativamente à obra que está para vir. Este estado mental predispõe e influencia o autor durante o próprio processo de concepção da obra³⁶.

Por outras palavras, é tão importante conhecer o auditório e saber o que este espera como conhecer o próprio significado da mensagem. O horizonte de acolhimento e as expectativas do auditório impõem-se, assim, como fundamentais num estudo que pretenda abordar a relação entre uma obra literária de carácter ficcional e as suas possíveis ligações com a realidade histórica.

No caso de textos como o *LC*, que mediante a utilização da primeira pessoa fazem-se enquadrar no modelo autobiográfico, certamente que os leitores operavam uma associação entre a obra e outras produções semelhantes, como eram as relações de viagens dos missionários. Desta forma, os textos imaginários ganhavam em autenticidade e credibilidade – o inverosímil do itinerário do *LC* não impediu que fosse referência para os conquistadores das Canárias, ou até, como defende Peter Russell, eventualmente para as expedições de D. Henrique no litoral ocidental africano³⁷.

³⁵ Cf. Hans Robert Jauss, “Literary history as a challenge to literary theory” in *Toward an Aesthetic of Reception*, Paris, University of Minnesota Press, 1985, pp. 3-45.

³⁶ «A literary work, even when it appears to be new, does not present itself as something absolutely new in an informational vacuum, but predisposes its audience to a very specific kind of reception by announcements, overt and covert signals, familiar characteristics, or implicit allusions. It awakens memories of that which was already read, brings the reader to a specific emotional attitude, and with its beginning arouses expectations (...); «Reconstructed in this way, the horizon of expectations of a work allows one to determine its artistic character by the kind and the degree of its influence on a presupposed audience. (...) The way in which a literary work, at the historical moment of its appearance, satisfies, surpasses, disappoints, or refutes the expectations of its first audience obviously provides a criterion for the determination of its aesthetic value. The distance between the horizon of expectations and the work, between the familiarity of previous aesthetic experience and the “horizontal change” demanded by the reception of the new work, determines the artistic character of a literary work, according to an aesthetics of reception (...).» *Idem, ibidem*, p. 25.

³⁷ Cf. Peter E. Russell, “A Quest Too Far: Henry the Navigator and Prester John” in *The Medieval Mind: Hispanic Studies in Honour of Alan Deyermond*, Macpherson and R. Penny (ed.), London, Tamesis, 1997, pp. 401-416; *Idem*, “The Infante Dom Henrique and the *Libro del conocimiento*

Paul Zumthor salienta também o facto de os autores medievais, até bem dentro de Quinhentos, parecerem conscientes de estarem a relatar coisas difíceis de crer. Daí a necessidade de se apoiarem nos autores antigos, nas *autorictas*³⁸, como base legitimadora para a sua mensagem.

Não é por isso de estranhar que nos países da Cristandade os relatos de viagem tivessem exercido sobre os seus leitores uma grande influência, quer pelos factos que nomeavam, quer pela significação de que se revestiam na mentalidade colectiva. Tratava-se, afinal, de responder a uma necessidade desse público³⁹.

É também fundamental não esquecer que os livros de viagens para além de uma função informativa desempenhavam uma função pragmática: o leitor fazia uma integração interior da viagem narrada, ou seja, esta leitura funcionava também como um movimento escatológico do indivíduo, alterando e determinando consequentemente a sua visão do mundo que o rodeava. Este fenómeno, se bem que se verificasse sobretudo com textos relativos a peregrinações, como salienta Pedro Cátedra, «también se puede aplicar a otros viajes, en especial en momentos de pulsión escatológica, que decía Alphandéry; en tiempos en los que la realidad histórica, social, o religiosa se percibe agonizante — o, al menos, así lo quiere el lector —; en situaciones en las que el viajes es, desde la realidad geográfica del lector, un espejismo, que empieza a cobrar sentido cuando se interioriza (...).»⁴⁰

5. Itinerário

Viagem na sua maior parte fictícia, o *LC* contém os elementos que definem e configuram o género literário específico dos relatos de viagens. O primeiro e principal destes elementos tem a ver com o itinerário⁴¹.

O itinerário é no *LC* o elemento estrutural, o esqueleto do texto. O discurso articula-se basicamente sobre o espaço percorrido, que constituiu assim, *a priori*, a matéria narrativa essencial para o autor. Este limitou-se a seguir o itinerário no seu desenrolar único e linear, desde o seu começo até ao seu final. Podemos desta forma afirmar que, ocupando toda a extensão da obra, o itinerário e, consequentemente, o espaço funcionam quer como o alicerce, quer como o *leitmotiv* da mesma.

del mundo” in *In memoriam Ruben Andressen Leitão*, J. Sommer Ribeiro (ed.), vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981, pp. 259-267.

³⁸ Paul Zumthor, *op. cit.*, p. 291.

³⁹ Paul Zumthor, *op. cit.*, pp. 285-303.

⁴⁰ Pedro Cátedra, *op. cit.*, p. 44.

⁴¹ Miguel Ángel Pérez Priego, *op. cit.*, p. 220.

O recurso a fórmulas narrativas como «salli de (...) et fuy a (...)» ou «party de (...) et fuy a (...)» sugerem ao leitor um itinerário, um percurso, se bem que neste caso fictício, impossível. Tais fórmulas vão fazendo desfilar cidades, reinos e lugares diversos onde pontualmente o autor se detém a narrar este ou aquele acontecimento ou a apresentar alguma conclusão – com maior ou menor pormenor.

O itinerário do *LC* é longo e complexo, quando tomado no seu todo. Os lugares visitados tocam por vezes os pontos mais distantes do mundo então conhecido. Com efeito, só quando observamos os mapas resultantes da aplicação do itinerário e da construção da mancha toponímica referida ao longo do texto, é que apreendemos a real dimensão da empresa. Todas as grandes regiões do mundo (conhecido e imaginado), bem como os grandes centros urbanos, estão aqui representados. Daí que o *LC* seja um dos relatos de viagens medievais mais ambicioso em termos geográficos.

O autor assinala que iniciou o seu périplo «En onze dias del mes de setienbre». Nada nos indica sobre o ano. E quanto à data de regresso, ainda menos sabemos, pelo que nos fica vedada a possibilidade de calcular a duração da viagem. No que respeita aos espaços de partida e chegada, o autor fornece-nos indicações mais precisas: afirma que partiu do reinado de Espanha e que regressou a «seuilla donde sali primera mente». Podemos assim iniciar e concluir com precisão o périplo.

É notório o recurso a cartas da época e a obras literárias de grande prestígio e autoridade reconhecida, como as *Etimologias* de Isidoro, para a edificação do texto que em alguns momentos se assemelha a um portulano.

5.1. Etapas

Com celeridade e num reduzido número de páginas, o autor do *LC* traça um impressionante itinerário que podemos considerar dividir-se em três grandes etapas:

- 1ª Etapa: do nº 1 (Sevilha) ao nº 62 (Pontevedra)
- 2ª Etapa: do nº 62 (Pontevedra) ao nº 242 (Damyat)
- 3ª Etapa: do nº 242 (Damyat) ao nº 396 (Sevilha)

A primeira e segunda etapas do percurso surgem dotadas de grande clareza e consistência. Num primeiro momento, a Europa ocidental, com preferência para o Norte e o litoral (primeira etapa). Depois, toda a bacia do mediterrâneo, a costa atlântica de Marrocos e as Ilhas Atlânticas que dominam o estreito de Gibraltar

e as rotas caravaneiras que atravessam o Sara de forma transversal – constituindo uma linha do Atlântico ao Nilo (segunda etapa). Ambos os percursos são claros e não se sobrepõem. Com epicentro no Mediterrâneo, o primeiro privilegia o Norte até à Escandinávia e o segundo o centro e o sul até ao Sara.

Por fim, apresenta-se-nos a terceira etapa do percurso, de longe a mais longa e complexa. Por um lado, abarca os três continentes conhecidos à época; por outro lado, num triângulo audacioso, percorre os extremos desses mesmos continentes: Escandinávia, Golfo da Guiné, China, Samatra, Himalaias.

De reter é que à medida que nos afastamos da Cristandade e do mundo mediterrânico aumentam a falta de rigor geográfico e os casos de *mirabilia*. Por outras palavras, quanto mais nos distanciamos dos limites do seguramente conhecido e da ordem, mais perto ficamos do desconhecido, da desordem, do caos e, portanto, do fabuloso. Estamos, por isso, perante uma lógica de centro-periferia na distribuição dos lugares de partida/chegada presentes no *LC*.

5.2. Relação entre continentes na contabilização dos lugares de partida/chegada

Quadro 1

Relação entre continentes na contabilização dos lugares de partida/chegada presentes no <i>LC</i>	
<i>Continentes</i>	<i>Lugares partida/chegada</i>
Europa	191
África	121
Ásia	84
Total	396

Como podemos verificar pela observação do quadro 1, a Europa é de longe o continente “preferido” – melhor dizendo, o mais conhecido – pelo autor. Com efeito, num total de 396 lugares de partida/chegada, registam-se neste continente 191, ou seja, quase metade das ocorrências. Logo de seguida surge o continente africano com 121 lugares e, por último, a Ásia com 84 lugares. Esta discrepância entre continentes, principalmente entre a Europa e a Ásia, quando relacionada com a mancha cartográfica relativa ao itinerário, confirma que à medida que nos distanciamos do universo da Cristandade, ou seja da segurança e da ordem, enfraquece o rigor da descrição geográfica, bem como a evocação de lugares – agora muito menos conhecidos, quer em quantidade, quer em riqueza descritiva.

Ao nível da relação entre continentes na contabilização dos lugares de partida/chegada regista-se, igualmente, uma clara lógica de centro-periferia.

5.3. Tipologia dos lugares percorridos

Os lugares de partida/chegada que integram o itinerário protagonizado no *LC* apresentam uma tipologia estruturada em 11 lugares-tipo (ver quadro 2 e gráfico correspondente).

Como se pode observar em ambas as representações, os Centros Urbanos (cidades e vilas), com 247 ocorrências num total de 396, constituem a grande maioria dos lugares de partida/chegada presentes no itinerário apresentado pelo *LC*. A discrepância é enorme, mesmo relativamente às duas categorias seguintes, Ilhas e Reinos (respectivamente, com 69 e 36 ocorrências).

Tais valores revelam a preferência do autor pelos centros urbanos na representação do mundo, em particular da Europa. Estes ocupam claramente uma posição de privilégio, única mesmo, na sua mente enquanto elementos estruturantes da realidade do mundo. Se nos reportarmos à temática específica da viagem então a sua importância é ainda maior, pois eles prefiguram os pontos de apoio (autênticas encruzilhadas) e locais de paragem – e visita – por excelência.

É a cidade que estrutura a viagem aqui apresentada. Ela constitui a espinha-dorsal do itinerário e do espaço a percorrer. Daí não ser de estranhar passagens como:

«E fuy por la rribera adelante en vn panfilo fasta que llegue al cabo de Sanbru e dende falle toda la marisma desabitada, que non ay çiudat njn villa njn logar. E andude por la marisma muy grant camjno, e trauesse todas las playas arenosas que non son habitadas de omnes, e llegue a la tierra de los negros, a vn cabo que dizen Buyder, que es del rrey de Guyneya çerca de la mar, e ally falle moros et judios»⁴²;

«Parti del jnperio de Armalec et fuyme por la tierra muy grant camjno, et como qujer que es muy poblada de gentes et de ganados, pero non ay çivdades njn villas porque todos biuen en los canpos. Et llegue al jnperio de Catayo et todas las mas çivdades que ende son,»⁴³;

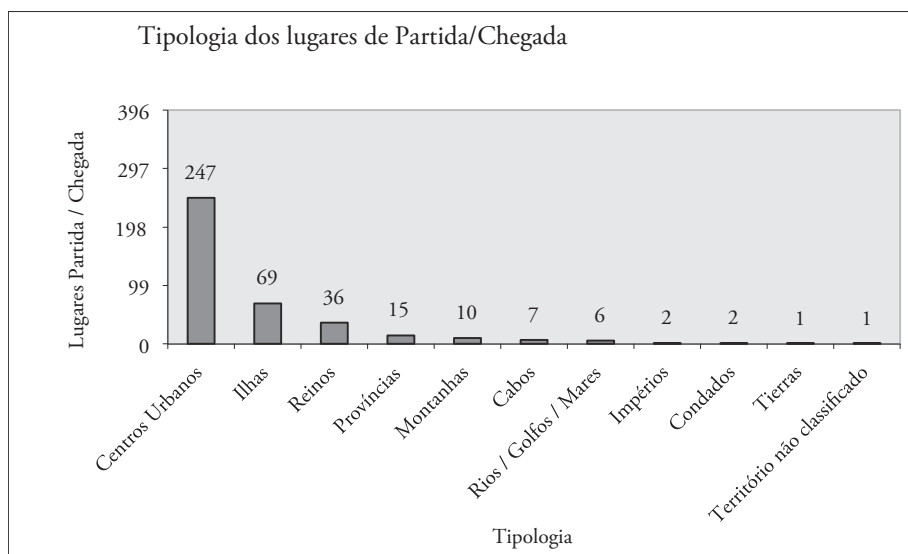
⁴² ms. Z, escudo LXVIII

⁴³ ms. Z, escudo XCI

«Parti del jnperio de Catayo contra el enorte al Flumen Magot arriba, e andude sesenta et çinco jornadas que non falle vjlla njn çivdat,»⁴⁴.

Quadro 2

Tipologia dos lugares de partida/chegada presentes no LC	
<i>Tipologia</i>	<i>Lugares partida/chegada</i>
Centros Urbanos	247
Ilhas	69
Reinos	36
Províncias	15
Montanhas	10
Cabos	7
Rios / Golfos / Mares	6
Impérios	2
Condados	2
“Tierras”	1
Território não classificado (<i>Caldea</i>)	1
Total	396



⁴⁴ ms. Z, escudo XCII

Este privilegiar da cidade enquanto centro da vida social, política e cultural surge naturalmente na linha das modificações estruturantes introduzidas, lentamente, pelo *Renascimento* do século XII. Com efeito, a explosão da importância urbana ocorrida neste século reformador já está completamente implantada na Europa ocidental à época da redacção do *LC*⁴⁵. Por outro lado, a primazia atribuída à cidade é, em nossa opinião, reveladora da provável origem urbana do autor e da sua eventual ligação ao mundo citadino em termos de enquadramento e actividade social.

Outra das singularidades do itinerário percorrido no *LC* reside na importância atribuída pelo autor às ilhas. Com 69 ocorrências no desempenho da função de lugares de partida/chegada, as ilhas constituem a segunda categoria ao nível da tipologia dos lugares visitados durante a viagem. Posição tanto mais importante quanto o facto de o itinerário abranger a quase totalidade do mundo conhecido na época coeva da feitura do *LC*.

Igualmente de destacar são os valores apresentados pelas categorias Reinos (36 ocorrências), Províncias (15 ocorrências) e Cabos (7 ocorrências) – todos os cabos referidos situam-se na zona Norte da costa atlântica africana; merecendo naturalmente especial atenção o Cabo Juby, nomeado por três vezes, constituindo uma verdadeira encruzilhada entre as ilhas atlânticas, a África equatorial e a África saariana.

As referências às ilhas no *LC* enquadram-se num nível diferenciado em termos de mentalidade e mundividência, pois na maioria das vezes surgem intimamente associadas ao universo do imaginário e da *mirabilia*. Daqui deriva também que os reinos se apresentem, a seguir às cidades, classificados como a grande referência da representação da vida medieval ao nível social e político.

6. Descrição do Mundo

Com o *LC*, o público-leitor está perante um mundo percorrido e a percorrer, dentro do qual se destacam sobretudo as paisagens e os poderes – em particular a cidade –, mas também os climas, as riquezas e os valores.

⁴⁵ No século XII, as cidades com o seu florescente dinamismo económico e social romperam com os rígidos quadros de uma sociedade predominantemente rural e tornaram-se, em simultâneo, os principais centros de onde brotavam os avanços culturais da época. O despertar intelectual do século XII teve, aliás, como base as escolas urbanas. Cf. Jacques Le Goff, “La fonction économique” in *Histoire de la France Urbaine. La ville médiévale*, vol. II, Georges Duby (dir.), Paris, Seuil, 1980, pp. 241-261; *Idem*, “O renascimento urbano” in *A Civilização do Ocidente Medieval*, vol. I, Lisboa, Editorial Estampa, 1995, pp. 102-109; Paul Zumthor, *op. cit.*, pp. 108-137.

6.1. A paisagem natural

A paisagem natural é um elemento largamente focado ao longo de todo o texto do *LC*. Ela apresenta-se sob duas vertentes principais: o relevo (montes, montanhas, serras e ilhas) e o meio aquático (rios, lagos, mares, golfos e oceanos). Os oceanos e as ilhas revestem-se, como é típico da Idade Média, de uma significação especial.

As ilhas são o elemento de paisagem natural mais referenciado pelo autor do *LC*, reflectindo-se tal proeminência ao nível do conteúdo: algumas das mais importantes e emblemáticas passagens do texto em termos de descrição do mundo têm por cenário as ilhas, principalmente as que ficam no âmbito do continente africano e da Ásia, ou seja, os lugares dos limites, os lugares cujas extraordinárias características dos habitantes e do próprio espaço merecem ser registadas e assinaladas.

6.2. A paisagem construída ou os espaços de poder

Na paisagem representada, o autor do *LC* tende sempre a individualizar os poderes dominantes e respectivos territórios. Apesar de ligados, ele atribui claramente mais importância aos poderes leigos dos que aos poderes eclesiásticos.

Na sua perspectiva, o mundo é inequivocamente um espaço dos senhores, individualizado simbolicamente através da heráldica. Por outras palavras, é por excelência um espaço político onde o poder senhorial acaba por se sobrepor ao poder dos eclesiásticos.

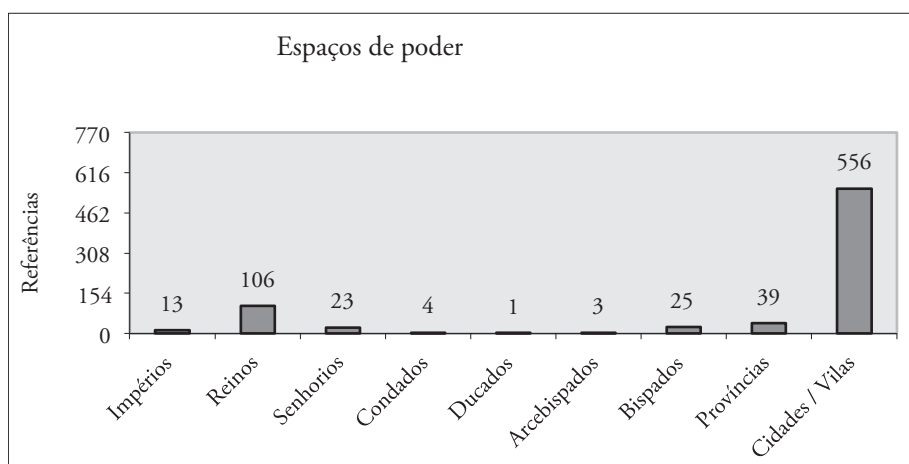
Os valores apresentados no quadro 3 esclarecem-nos quanto ao espaço de poder que, especificamente, predomina na mundividência veiculada pelo *LC*. Com 556 referências num total de 770 (e 874 ocorrências), os centros urbanos são de longe o espaço de poder privilegiado pelo autor do *LC* (ver gráfico correspondente).

Quadro 3

Espaços de poder					
<i>Nº</i>	<i>Classificação</i>	<i>Europa</i>	<i>África</i>	<i>Ásia</i>	<i>Ref.</i>
1	Impérios	3	2	8	13
2	Reinos	48	26	32	106
3	Senhorios	11	0	12	23

continua...

Espaços de poder					
Nº	Classificação	Europa	África	Ásia	Ref.
4	Condados	4	0	0	4
5	Ducados	1	0	0	1
6	Arcebispados	3	0	0	3
7	Bispados	25	0	0	25
8	Províncias	32	2	5	39
9	Cidades / Vilas	296	95	165	556
Total		423	125	222	770



Naturalmente, a Europa é o continente com maior número de referências aos centros urbanos (296). No entanto, os continentes asiático (165) e africano (95) também apresentam valores bastante razoáveis em relação ao total deste tópico (556 referências), sobretudo se tivermos em conta os valores expressos pelos restantes espaços de poder.

Também aqui o autor do *LC* revela subordinar o seu texto a uma lógica de centro-periferia. A Europa, a Cristandade, espaço mais conhecido do autor, é o grande cenário da toponímia. À medida que nos afastamos da bacia do Mediterrâneo, norte e sul, e da Ásia Menor, os topónimos começam a escassear e a perder intensidade em termos de mancha.

Curiosamente, em termos de comparação entre os diversos espaços de poder definidos no *LC*, o continente africano é o que apresenta maiores discrepâncias, pois aqui as *ciudades* e os *reinos* abarcam a quase totalidade das referências.

Apenas os *impérios* e as *províncias*, com respectivamente duas referências cada, apresentam valores acima do zero.

Um dado fundamental a reter neste conjunto de valores, reside no facto de o tópico *impérios* ter na Ásia o seu espaço privilegiado (8 ocorrências). Com efeito, a Europa e a África ficam muito aquém da Ásia a este nível. O autor vê o Oriente como um espaço por definição do poder imperial.

O espaço de poder que compreende os *senhorios* limita-se, de forma equiparável, à Europa e à Ásia. Por sua vez, os *condados*, *ducados*, *arcebispados* e *bispados* restringem-se ao continente europeu, não apresentando quaisquer valores na Ásia e em África. Este estado de coisas acaba por não estranhar, se tivermos em conta que estamos a falar de conceitos de espaço de poder, cuja denominação está intrinsecamente ligada à forma ocidental cristã de categorizar o universo social, político e religioso: duque-ducado, conde-condado, bispo-bispado, arcebispo-arcebispado. As noções de rei e imperador já são de facto universais, em termos da mundividência medieval, claro está.

As *províncias* inscrevem-se na sua grande maioria na Europa (32 referências). Trata-se de um conceito muito pouco associado, na perspectiva do autor, à espacialização do poder na Ásia e em África.

O espaço de poder com maior número de referências a seguir às *cidades e vilas* são os *reinos* (106 referências). No entanto, apesar de igualmente bem distante dos espaços seguintes, este tópico apresenta apenas cerca de 1/5 do valor expresso pelos centros urbanos. O fosso é abismal.

Após a análise dos valores recenseados para os diversos espaços de poder presentes no *LC*, torna-se claro o porquê do poder senhorial – materializado sobretudo nas categorias da *cidade* e do *reino* –, ser claramente o “preferido” do autor do *LC*. Esta regra é, aliás, corroborada pela própria tipologia dos espaços: apenas dois, os arcebispados e os bispados, são declaradamente eclesiásticos.

6.3. O Mundo urbano

A proeminência dos centros urbanos no *LC* é tal, que justifica um olhar mais aprofundado. Desde logo porque, efectivamente, os lugares não assumem todos a mesma importância para o autor/viajante. Houve escolhas a fazer, por um lado em relação aos marcos fundamentais do itinerário (a tipologia dos lugares de partida/chegada), por outro, ao nível dos espaços de poder preferidos na estruturação da mundividência que se quer veicular. Em ambos os casos, a escolha incidu sobre os centros urbanos.

Com efeito, as cidades são os pontos privilegiados pelo autor. Elas convertem-se desde o início da viagem no índice de referência essencial através

do qual se desenvolve a descrição do itinerário. Até ao extremo de verificar-se uma súbita aceleração do tempo da narração e do espaço percorrido quando não existem cidades numa determinada região (vendo-se então o narrador forçado a dizer «non falle ciudades nin villas»).

A cidade é inequivocamente o elemento central, estruturante, do itinerário e dos espaços veiculados no documento. A visão do autor em relação ao espaço e ao mundo conhecido centra-se essencialmente na figura deste espaço de poder. Os valores em termos de referências e de ocorrências não podiam ser mais expressivos.

O desfile das urbes no *LC* veicula imediatamente a ideia da funcionalidade social e política da cidade. Regra geral, sempre que se chega a uma região ou reino, existe a preocupação de assinalar quais as maiores e mais importantes cidades, e, de entre estas, qual exerce as funções de capital (cabeça de reinado ou de império) e de cenário para a coroação dos reis.

A cidade é um espaço superior. Necessário. Vital. E apesar de não declarado, a extensa nomeação da cidade é acompanhada no *LC* de um intenso fervor, como podemos, aliás, concluir do facto de 35 das 50 ocorrências relativas a acontecimentos indicados no *LC* estarem associadas, directa ou indirectamente, à cidade.

Também ao nível do maravilhoso presente na fonte podemos identificar a preponderância da cidade: das 13 imagens de *mirabilia* que acompanham o texto, 5 são relativas a cidades⁴⁶.

Outro indicador desta supremacia reside na componente heráldica. Aqui, ao nível dos sinais territoriais, a cidade ocupa o segundo lugar (5 referências, num total de 27), sendo no entanto de referir que vários dos emblemas relativos ao primeiro tópico, os reinos, referem-se igualmente a cidades (ver quadros 5 e 6).

Por tudo isto, podemos afirmar que o autor do *LC* partilha da *consciência urbana* que invadiu a Europa a partir do século XII. Ao longo de todo o texto, sente-se, aliás, a presença desta consciência. Uma consciência que determina claramente a forma de o autor pensar e, sobretudo, dar a ver o mundo.

Zumthor chama a atenção para um pormenor que garante à cidade um lugar muito específico na mundividência do homem medieval e que, de alguma forma, ajuda a esclarecer esta clara preferência do autor do *LC* pelos centros urbanos em detrimento dos restantes espaços de poder:

«Antes de estos modelos, y en parte gracias a ellos, actua sobre la percepción y la representación medieval de la ciudad una poderosa corriente

⁴⁶ O *paraíso terrenal* vem ilustrado como se de uma fortaleza/cidade se tratasse. A imagem, aliás, é idêntica – em termos de estilo – às restantes representações de cidades.

arquetípica, que impone al pensamiento y al lenguaje un pequeño número de formas matriciales que (a través de múltiples mediaciones) determinan la imaginación y la palabra: cierre, es decir, aislamiento; solidez, es decir, seguridad; verticalidad, es decir, grandeza y poder; teniendo en cuenta que cada uno de estos rasgos y su conjunto remiten a la existencia colectiva de los hombres.»⁴⁷

A cidade medieval assenta assim em três alicerces fundamentais: isolamento (no sentido de individualidade, demarcação e afastamento do que a rodeia), segurança (protecção do que vem do exterior, materializada nas suas muralhas e no seu exército “pessoal”) e imponência (no sentido de riqueza e poder).

Hoje, a cidade constitui um espaço amplamente aberto ao exterior, de acesso fácil, mas onde reinam a insegurança e as formas extremas de miséria. Na Idade Média, por sua vez, a cidade simboliza o oposto. Como assinala o mesmo investigador, tiveram que passar «mil años para pasar, muy progresivamente, de la primera imagen a la segunda.»⁴⁸

A cidade é a Ordem e a sua centralidade em relação à região que integra, afasta-a de alguma forma da ruralidade e do exterior selvagem, onde imperam a desordem, a violência, o caos. O que fica para lá das suas muralhas é a antítese daquilo que os seus habitantes procuram no seio das ruas, praças, campanários e mercados⁴⁹.

A cidade vem sempre associada ao saber, ao estudo e à ciência. Ela é o espaço do conhecimento, pois é nela que se situa o maior de todos os centros de saber: a universidade. O *LC* corrobora este princípio nas referências efectuadas à cultura. O âmbito é, regra geral, a cidade, sobretudo na Europa: «et la noble çivdad de Tolossa, do son los estúdios generales de las artes liberales.»⁵⁰; «Parti de Escoçja et ffuyme para Jnglatierra. Sabet que es muy poblada, et falle en ella onze çivdades grandes. (...) Grisna, do son los Estudios Generales»⁵¹; «Bolonja, morada de los filósofos»⁵².

⁴⁷ Paul Zumthor, *op. cit.*, pp. 118-119.

⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 119.

⁴⁹ «La ciudad rechaza con todo su ser lo que he llamado en otra ocasión el *nomadismo* de la sociedad medieval: a un universo parcelado, opone su carácter macizo; a la disgregación de las soledades rurales, al aislamiento de los linajes feudales, la concentración de los seres y de sus recursos (...). Espacialmente, la ciudad es multiple. A su espacio físico y topográfico se une, para lo mejor y para lo peor, un espacio social, un espacio económico, un espacio religioso (...), y que se unifican en una “cultura urbana”. (...) La ciudad se define por una forma de ser en el mundo.» *Idem, ibidem*, p. 124.

⁵⁰ ms. Z, escudo V

⁵¹ ms. Z, escudo XIX

⁵² ms. Z, escudo XXVI

Na Ásia as referências também são esclarecedoras:

«E parti de la armenia et fuy a la gran ciudad de toris, que es cabeça del jperio de los persinaos. E es vna de las grandes ciudades del mundo et mucho abundada et rica et es tierra muy templada E por eso los omes de persia son muy sabios et entendidos en todas las scientias. E han saberes muy profundos en los juyzios de las estrellas.»⁵³; «llegue a la ciudad de syras que los tartaros dizen sarax a do fenescce el jperio de persia et es rica ciudad et abundada et muy antigua et dizen que enesta ciudad fue fallada primeramente la astronomia que quiere dezir ley de las estrellas porque esta ciudad es en la línea de la meytad de lo poblado.»⁵⁴

A cidade é, de forma absoluta, um centro de poder. É o coração do território onde se insere. É esta ideia que é proclamada do alto das muralhas, torres e atalaias que dominam a urbe. Independentemente do que parece na sua realidade empírica, a cidade concebe-se a anuncia-se de acordo com esta impressão “dominante”.

A cidade medieval tem uma história, uma memória e uma linguagem próprias. Uma “alma”, enfim, que garante identificação e individualidade às diversas gerações que por ela vão passando. Algo tão intensamente etéreo quanto palpável em termos físicos, seja no traçado das ruas, nos marcos dos edifícios principais ou até nas ruínas que falam da sua glória passada. Esta “alma” fornece aos habitantes o tão precioso sentimento de pertença e faz com que a cidade seja o espaço de poder mais importante, mesmo em relação ao reino e ao império, aos quais não raras vezes empresta o nome e aos quais fornece sempre a capital, isto é, o coração e o cérebro.

De salientar que ao nível profundo da mentalidade tardo medieval ocidental, já não é tanto a dualidade espaço cristão/espaço do infiel que comanda as acções; mas sim, o binómio espaço rural/espaço urbano. O *LC* é um notável exemplo desta transfiguração. Como assinala Luís Krus em relação ao espaço português, mas que é passível de estender-se ao mundo ocidental cristão:

«Aos campos, ligados a uma economia rural, opõem-se a vila e a cidade, que delimitam pelo termo o espaço abastecedor sujeito à sua influência, e na qual se concentram as actividades artesanais, administrativas e comer-

⁵³ ms. S, escudo LXXXI

⁵⁴ ms. S, escudo LXXXII

ciais, que delas fazem um espaço de comunicação ligado às principais redes de tráfico regional, peninsular, mediterrânico e atlântico.»⁵⁵

6.4. Títulos político-religiosos

No que respeita aos títulos político-religiosos mais referenciados no *LC* é de assinalar a inequívoca preponderância dos títulos de imperador e, sobretudo, de rei (ver quadro 4) – ambos, saliente-se, títulos políticos. Os títulos mais nomeados (apenas em termos de ocorrências) a seguir, os de Patriarca e Profeta, remetem para um universo religioso.

Quadro 4

Nº	Títulos	Ref.	Oc.
1	Enperador	6	26
2	Rey	14	21
3	Conde	2	2
4	Señor	1	1
5	Patriarca	1	4
6	Bispo	1	1
7	Profeta	1	4
8	Sultão	1	1
9	Mercador	1	1
10	Cônsul	1	1
Total		29	62

7. Heráldica

Desde já salientamos que, ao nível da heráldica, o presente artigo circunscreve-se à questão da distribuição geopolítica dos emblemas presentes no *LC* e consequente interpretação da mundividência que a mesma encerra. Noutra vertente, analisa-se também a problemática da diferenciação dos emblemas em termos de classes de armas e de titulares.

⁵⁵ Luis Krus, “Espaço na Idade Média” in *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*, vol. I, Lisboa, Publicações Alfa, 1985, p. 220.

Acreditamos que através da análise de ambos estes tópicos – o primeiro dos quais sujeito a projecção cartográfica – é possível determinar, ao nível político, uma visão do mundo específica da Península Ibérica no período coevo do autor do *LC*.

Fica, desta forma, excluído o estudo semântico da heráldica contida no documento. Afinal, a ciência que se ocupa dos brasões e escudos de armas é detentora de um simbolismo específico que remete para um estudo próprio, de características diferentes do nosso.

Após o levantamento de todos os sinais heráldicos presentes na fonte⁵⁶ (ver quadro 5), procedemos à sua aplicação cartográfica (mapa 1) e consequente distribuição pelos continentes conhecidos (quadro 6).

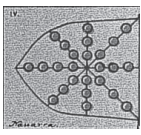
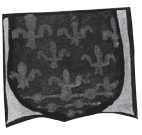
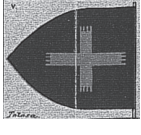

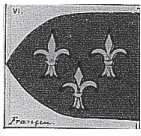
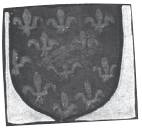








Quadro 5

Heráldica



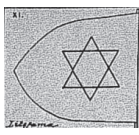

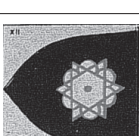

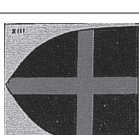



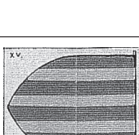







Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
1	Reynado de Castilla et León	S	I	Vn pendon con dos castillos et dos leones fechos en quarterones		
	Reynado de Castilla et León	Z	I	(...)		
2	Reynado de Portugal	S	II	Vn pendon con castillos al derredor et quynas en medio		
	Reynado de Portugal	Z	II	(...)		
3	Señor de Bayona	S	III	Vn pendon blanco Con vna cruz bermeja		
	Señor de Bayona	Z	III	Vn pendon blanco Con vna cruz bermeja		

continua...








⁵⁶ ms S e Z

Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
4	Reynado de Nauarra	S	IV	(...)		
	Reynado de Navarra	Z	IV	(...)		
5	Señor de Tolosa	S	V	Vn pendon bermejo con vna cruz de oro pintada		
	Señor de Tolosa	Z	V	Vn pendon vermejo con vna cruz de oro pintada		
6	Rey de França	S	VI	Vn pendon azul con tres flores de lises de oro		
	Rey de Francia	Z	VI	Vn pendon verde con flores de oro		
7	Señor de Flandes	S	VII	Vn péndon de oro Con vn leon prieto		
	Señor de Flandes	Z	VII	Vn pendon de oro con vn leon prieto luengo		
8	Enperador de Alemaña	S	VIII	Vn pendon amarillo con vna aguila prieta Coronada		
	Enperador de Alemaña	Z	VIII	Vn pendon amarillo con vna agujlla prieta coronada		
9	Rey de Frisa	S	IX	Vn pendon de oro con tres leones prietos luengos		
	Rey de Frisa	Z	IX	Vn pendon de oro con tres leones prietos		
10	Rey de Daçia	S	=IX	Vn pendon de oro con tres leones prietos		
	Rey de Dacia	Z	X	Vn pendon de oro con tres leones prjetos		

continua...

Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
11	Rey de Boemia	S	X	Vn pendon blanco con vn leon bermejo coronado		
	Rey de Boemia	Z	XI	Vn pendon blanco con vn leon bermejo		
12	Rey de Litefama et Catalant	S	XI	Vn pendon blanco con esta señal Prieta		
	Rey de Lyçefania et Capellant	Z	XII	Vn pendon blanco con esta senal prieta en medio		
13	Rey de Polonia	S	XII	Vn pendon verde con esta señal bermeja		
	Rey de Palonia	Z	XIII	Vn pendon blanco con vna cruz vermeja		
14	Rey de Leon	S	XIII	Vn pendon verde con vna cruz bermeja		
	Rey de León	Z	XIV	(...)		
15	Rey de Sueuia	S	XIV	Vn pendon amarillo con dos leones bermejos vno contra otro		
	Rey de Suevia	Z	XV	Vn pendon con dos leones bermejos, el vno contra otro		
16	Rey de las Islas de Gotlandia y Oxilia	S	XV	Vn pendon con vandas amarillas et cardenas atrauesadas		
	Rey de las Yslas de Golandia y Oxilia	Z	XVI	Un pendon de bandas amarillas et cardenas		
17	Reyno de Gotia	S	=XIV	Vn pendon amarillo con dos leones Bermejos vno Contra otro		

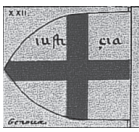



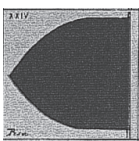

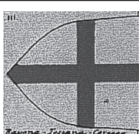



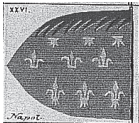

continua...

Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
17	Reyno de Gocia	Z	XVII	(...)		
18	Rey de Noruega	S	=VII	Vn pendon de oro con vn leon Prieto		
	Rey de Nuruega	Z	XVIII	Vn pendon de oro con vn leon prieto		
19	Rey de la isla Salanda	S	XVI	Un pendon de oro con vn leon prieto como el de noruega		
	Rey de la Ínsula Salanda	Z	=XVIII	Vn pendon de oro con vn leon prieto atal commo el rrey de Nuruega		
20	Rey de Escocia	S	XVII	Vn pendon bermejo con tres leones de oro luengos		
		(...)	(...)	(...)		
21	Rey de Inglaterra	S	XVIII	Vn pendon a quarterones en los dos quartos a flores de oro en campo azul por que es el Rey de la casa de françia en los otros dos quartos ay en cada vno tres onças de oro luengas et el campo bermejo		
	Rey de Inglatierra	Z	XIX	Vn pendon a quoaarterones en los dos coartos ay flores de oro en campo azul, porque el rrey de la tierra es en la casa Françia, et los otros dos coartos son vermejor et en cada vno tres leones de oro luengos		





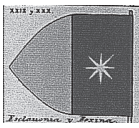

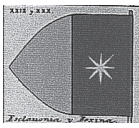

continua...

Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
22	Rey de la isla de Irlanda	S	=XVIII	tales commo el Rey de Inglaterra		
	Rey de la Ysla de Yrlanda	Z	XX	atales commo el rrey de Jnglatierra		
23	Rey de la isla de Ibernía	S	=VII	Vn pendon de oro con vn leon prieto commo el Rey de noruega		
	Rey de la Ysla de Ybernía	Z	XXI XXI bis	(...)		
24	Reynado de Granada	S	XIX	Vn pendon bermejo con letras de oro aravigas como las traya mahomad su profeta		
	Reynado de Granada	Z	XXII	Vn pendon vermejo con letras de oro aravigas commo las traya Mahomad su propheta		
25	Rey de Aragon	S	XX	Nueue bastones amarillos et bermejos		
	Rey de Aragón	Z	XXIII	(...)		
26	Señor de Narbona	S	XXI	Vn pendon blanco com vna cruz bermeja como la de tolosa et en cada quarto vna tal señal porque esta çibdat fue de don RemonDo conde de tholosa		
26	Señor de Narbona	Z	XXIV	Vn pendon blanco com vna cruz bermeja commo la de Tolosa, et en cada vn quarto tal señal porque fue la çivdat de don Rremon, conde de Tolosa		

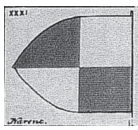

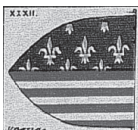
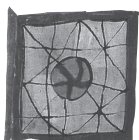
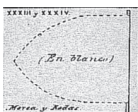
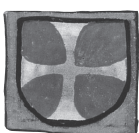
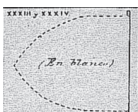



continua...

Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
27	Señor de Genoua	S	XXII	Vn pendon blanco com vna cruz bermeja ençima esta escripto justiça		
	Señor de Génoa	Z	XXV	Vn pendon blanco com vna cruz vermeja et ençima scripto esta "Justiça"		
28	Reyno de Lonbardia	S	XXIII	(...)		
	Tierra de Lonbardía	Z	XXVI	(...)		
29	Señor de Pissa	S	XXIV	Vn pendon todo colorado		
	Señor de Pisa	Z	XXVII	Vn pendon todo vermejo		
30	Señor de Toscana	S	=III	Vn pendon blanco con vna cruz bermeja		
	Señor de Florençia	Z	XXVIII	Vn pendon blanco con vna cruz vermeja		
31	Çibdat de Roma	S	XXV	Vn pendon bermejo com vna vanda de oro en que son letras		
	Ciudad de Roma	Z	XXIX	Vn pendon vermejo con vna banda de oro en que son vnas letras		
32	Rey de Napol	S	XXVI	Vn pendon Cardeno com flores de oro por quel Rey es de la casa de françia et ençima es vna lista bermeja que dizen el Restello		
	Rey de Nápol	Z	XXX	Vn pendon cardeno com flores de oro, porquel rrey es de la casa de França; et ençima es vna lista vermeja que dizen el rrestello		

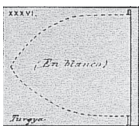

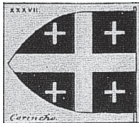



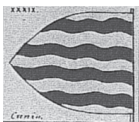

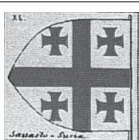

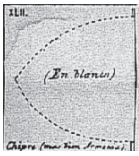

continua...

Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
33	Rey de la Isla de Çeçilia	S	XXVII	Vn pendon a quarterones los dos quartos son blancos con dos aguilas prietas et los otros dos quartos bastones bermejos et amarillos por que el Rey es de la casa de Aragon		
	Rey de la Ysla de Çeçilia	Z	XXXI	Vn pendon a quoaarterones, los dos coartos blancos con dos agujillas prietas et los otros dos coartos a bastones vermejos et amarillos		
34	Señor de Veneçia	S	XXVIII	Vn pendon blanco com vn leon bermejo con alas commo el euangelista sant marcos		
	Señor de Venesçia	Z	XXXII	Vn pendon blanco com vn leon vermejo con alas commo Sant Marchos evangelista		
35	Rey de Esclauonia	S	XXIX	Vn pendon amarillo a meitades en la meitad bermeja que esta çerca la vara esta vna estrella blanca et la outra meitad del cabo es amarilla		
	Rey de Esclavonia	Z	XXXIII	Vn pendon a meatades; la meitad que esta çerca la vara es vermeja con vna estrella blanca et la otra meatad amarilla		
36	Señor de Sierra Boxina	S	XXX	Señales tales como el Rey de la esclauonia		
	Señor de Sierra Vóxina	Z	XXXIV	Vn pendo atal commo el rrey de Esclauonja		

continua...



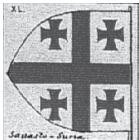

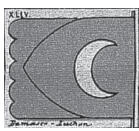
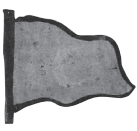
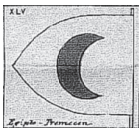



Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
37	Rey de la Isla de Narent	S	XXXI	Vn pendon a quarterones los dos quartos cardenos et los doss blancos		
	Rey de la Ysla de Narent	Z	XXXV	Vn pendon a quoarterones, los dos blancos et los otros dos azules		
38	Reynado de Vngria	S	XXXII	Vn pendon a meitades La vna meitat com flores de françia por que es el Rey de la casa de françia et la outra meitad bandas bermejas et blancas		
	Reynado de Ungría	Z	XXXVI	Vn pendon a meatades, la vna meatat com las flores de França, porque el rrey es de la casa de França; la outra meatad, vandas vermejas et blancas		
39	Príncipe de la Ysla de la Morea	S	XXXIII	(...)		
	Príncipe de la Ysla de la Morea	Z	XXXVII	(...)		
40	Isla de Rodas	S	XXXIV	(...)		
	Ysla de Rodos	Z	XXXVIII	(...)		
41	Rey de Satalia	S	XXXV	Vn pendon con ondas blancas et cardenas et cerca de la vara vn signo		
	Rey de Satalia	Z	XXXIX	Vn pendon con ondas blancas et cardenas et cerca de la vara vn sygno		

continua...

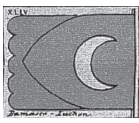
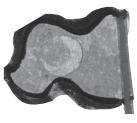
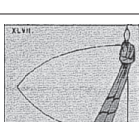



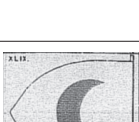

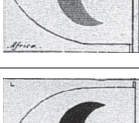


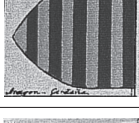



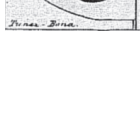




Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
42	Rey de Turquia	S	XXXVI	(...)		
	Rey de Turquia ⁵⁷	Z	XL	Las senalles de Satalia son estas		
43	Rey de Corincho	S	XXXVII	Vn pendon prieto com çinco cruces blancas		
	Rey de Antroceta et Corinco	Z	XLI	Vn pendon prieto con çinco cruces blancas		
44	Çibdat de Feradalfia (Turquia)	S	XXXVIII	Vn pendon a meytades la vna meitad blanca con vna cruz bermeja tal et la otra meitat amarilla con vna quadra bermeja		
	Ciudad de Feradelfia	Z	XLII	Vn pendon a meatades, la vna meatad blanca con vna cruz bermeja atal, et la otra meatat amarilla, con vna carda vermeja		
45	Rey de Cunio	S	XXXIX	Vn pendon con ondas blancas et bermejas		
	Rey de Canio	Z	XLIII	Vn pendon con ondas blancas et vermejas		
46	Reynado de Sauasto	S	XL	Vn pendon blanco con çinco cruces bermejas		
	Reynado de Sanasco	Z	XLIV	Vn pendon blanco con cinco cruces vermejas		
47	Rey de Armenia la menor	S	XLI	(...)		
	Rey de Armenia la Menor	Z	XLV	Vn pendon blanco con vn leon vermejo		

continua...

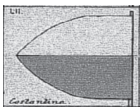

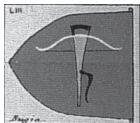

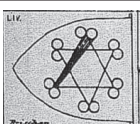

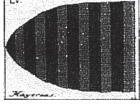

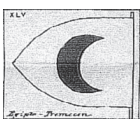

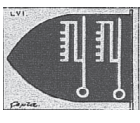
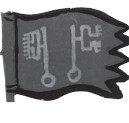
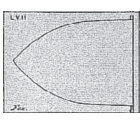
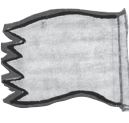
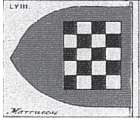

⁵⁷ Em relação a este escudo o copista do manuscrito Z comete um equívoco, pois relaciona-o com a cidade de Satalia quando na realidade refere-se à Turquia.

Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
48	Rey de Chipre	S	XLII	Vn pendon a meytades la vna meytad cardena con flores de oro porque el Rey es de la casa de françia et la otra meytad çinco cruces bermejas		
	Rey de Chipre	Z	XLVI	Vn pendon a meatades, la vna meatad cardena con flores de oro, porque es el rrey de la cassa de França, et la otra meatad blanca con çinco cruces bermejas		
49	Prouinçia de Suria	S	XLIII=XL	Vn pendon todo blanco con cruces bermejas		
	Suria	Z	XLVII	Las seynales son çinco cruces vermejas en campo blanco		
50	Rey de la Tierra de Jafet	S	XLIV	Vn pendon amarillo con vna luna blanca		
	Rey de la Tierra de Jafet	Z	XLVIII	Vn pendon amarillo con vna luna blanca		
51	Reinado de Egipto	S	XLV	Vn pendon blanco et en medio vna luna de azul		
	Reynado de Egipto	Z	XLIX	Pendon blanco en medjo vna luna azul		
52	Rey de Alixandria	S	XLVI	Vn pendon amarillo et en medio vna Rueda prieta et en la Rueda vn leon pardo		
	Rey de Alexandria	Z	L	Vn pendon amarjlo et en medio vna rrueda prieta et medio de la rrueda vn leon pardo		



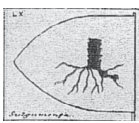

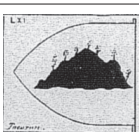

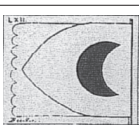

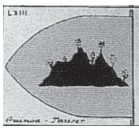

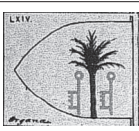
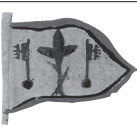
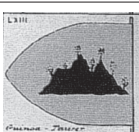
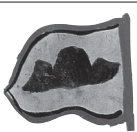
continua...

Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
53	Rey de Luchon	S	=XLIV	Vna seña amarilla con vna luna blanca		
	Rey de Luchon	Z	LI	Vna sena amarilla con vna luna blanca		
54	Rey de Tolometa	S	XLVII	Vnos touajones amarillos ençima de vna lança		
	Rey de Tolomea	Z	LII	Vnos tobajones amarillos encima de vna lança		
55	Rey de Trípol de la berberia	S	XLVIII	Vn pendon blanco con vna palma verde et dos llaues bermejas		
	Rey de Trípol de la berberia	Z	LIII	Vn pendon blanco con vna palma verde et dos llaues vermejas		
56	Rey de Africa	S	XLIX	Vn pendon blanco con vna luna cardena		
	Rey de Africa	Z	LIV	Vn pendon blanco con vna luna cardena		
57	Rey de Tunez	S	L	Vn pendon blanco con vna luna prieta		
	Rey de Túnez	Z	LV	Vn pendon con vna luna prieta		
58	Rey de Çerdeña	S	=XX	Bastones del rey de aragon		
	Rey de Sardeña	Z	LVI	Bastones del rrey de Aragon		
59	Isla de Corçega	S	LI=III	Vn pendon blanco con vna cruz bermeja		
	Ysla de Córcega	Z	LVII	Vn pendon blanco con vna cruz vermeja		
60	Rey de Bone	S	=L	Vn pendon blanco con vna luna prieta		
	Rey de Bona	Z	LVIII	Vn pendon blanco con vna luna prieta		

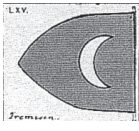








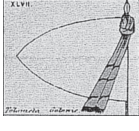





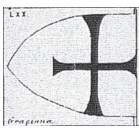





continua...

Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
61	Rey de Costantina	S	LII	Vn pendon a meitades blanco et amarillo		
	Rey de Costantina	Z	LIX	Vn pendon a meitades blanco et amarillo		
62	Rey de Bugia	S	LIII	Vn pendon berjo con vna ballesta amarilla		
	Rey de Bugía	Z	LX	Vn pendon vermejo con vna ballesta amarilla		
63	Rey de Brischan	S	LIV	Vn pendon blanco con vn signo		
	Señor de Brisca	Z	LXI	Vn pendon blanco con vn signo		
64	Rey de la isla de Mayorcias	S	LV	Bastones verdes e prietos		
	Rey de Mallorcias	Z	LXII	Bastones atales		
65	Rey de Tremeçen	S	=XLV	Vn pendon blanco con vna luna azul		
	Reynado de Tremeçen	Z	LXIII	Vn pendon blanco con vna luna de azul		
66	Rey de Çepta	S	LVI	Vn pendon bermejo con dos llaues blancas		
	Rey de Çepta	Z	LXIV	Vn pendon vermejo con llaues blancas		
67	Rey de Fez	S	LVII	Vn pendon todo blanco		
	Rey de Fez	Z	LXV	Vn pendon todo blanco		
68	Rey de Marruecos	S	LVIII	Vn pendon bermejo con vn axedrez prieto et blanco		
	Rey de Marruecos	Z	LXVI	Vn pendon vermejo con vn axedrex prieto et blanco		










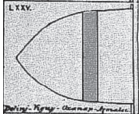

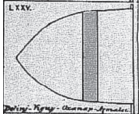

continua...

Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
69	Rey de Çuçia	S	LIX	(...)		
	Rey de Çuçia	Z	LXVII	Vn pendon blanco con vn leon prieto		
70	Rey de Sulgumença	S	LX	Vn pendon blanco con vna Raiz de palma verde		
	Rey de Sujulmença	Z	LXVIII	Vn pendon blanco con vna rrayz de palma verde		
71	Rey de Tocatoron	S	LXI	Vn pendon blanco et en medio vn monte prieto commo el Rey de guynoa		
	Rey de Tocatorón	Z	LXIX	Vn pendon blanco et en medio vn monte prieto, atal como el rrey de Guynoya		
72	Çibdat de Buda	S	LXII	Vn pendon blanco con vna luna bermeja		
	Ciudad de Buda	Z	LXX	Vn pendon blanco con vna luna vermeja		
73	Rey de Guinoa	S	LXIII	Vn Pendon de oro et en medyo vn monte Prieto		
	Rey de Guinoya	Z	LXXI	Vn Pendon de oro e en medio vn monte prieto		
74	Rey de Organa	S	LXIV	Vn pendon blanco Con vna palma verde et dos llaues		
	Rey de Organa	Z	LXXII	Vn pendon blanco con vna palma verde et dos llaues		
75	Rey de Tauser	S	=LXIII	Vn pendon de oro con vn monte prieto como el Rey de guynoa		

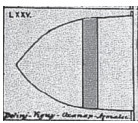



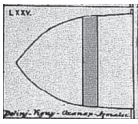



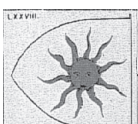

continua...

Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
75	Reynado de Taniser	Z	LXXIII	Vn pendon de oro con vn monte prieto como lo ha el rrey de Gujnoya		
76	Rey de Tremisin	S	LXV	Vn pendon cardeno con vna luna blanca		
	Rey de Trimisen	Z	LXXIV	Vn pendon cardeno con vna luna blanca		
77	Rey de Dongola	S	LXVI	Vn pendon blanco con vna cruz fecha		
	Rey de Don Gola	Z	LXXV	Vn pendon con vna cruz prieta		
78	Rey de la Ynsola Gropis	S	LXVII	Vn pendon blanco con la figura de su idol		
	Rey de la Ínsula Gropis	Z	LXXVI	Vn pendon blanco con su ydolo		
79	Reinado de Gotonye	S	LXVIII=XLVII	Vnos touajones de oro en vna lança		
	Reynado de Geconie	Z	LXXVII	Vnos tobajones de oro atados en vna lança		
80	Rey de Amenuan	S	LXIX	Vn pendon blanco con vna idola		
	Rey de Amemian	Z	LXXVIII	Vn pendon blanco con vna ydola		
81	Graçiona (Enperador abdeselib	S	LXX	Vn pendon de plata con vna cruz Prieta		
	Enperador Abdeselib	Z	LXXIX	Vn pendon con vna cruz prieta		
82	Preste iohan	S	LXXI	Vn pendon de plata con vna cruz prieta et de amas partes dos blagos		
	Preste Johán	Z	LXXX	Vn pendon de plata con vna cruz prieta e de amas partes dos blancas		

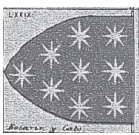




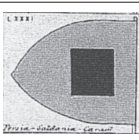
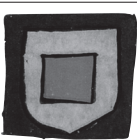
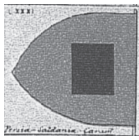

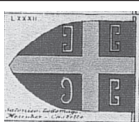
continua...

Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
83	Enperador de Magdasor	S	=LXVI	Vn pendon blanco con vna cruz prieta		
	Enperador de Magdasor	Z	LXXXI	Vn pendon blanco con vna cruz prieta		
84	Çibdat de Bandacha	S	LXXII	(...)		
	Señor de Bandacha	Z	LXXXII	Vn pendon de plata con esta señal		
85	Rey de Mesopotamia	Z	LXXXIII	Las senalles que ha el rrey de Bandaca e de Baldaque, que es tal vn pendon de plata con esta señal		
86	Çibdat de Mechan	S	LXXXIII	Vn pendon bermejo et enmedio letras de oro arauigas		
	Çibdat de Meca	Z	LXXXIV	Vn pendon vermejo en medio letras de oro arauigas		
87	Çibdat de Sicroca	S	LXXIV	Vn pendon bermejo con letras arauigas		
	Ciudad de Sicroca	Z	LXXXV	Trae estas mjsmas senalles, que son commo las de Meca		
88	Rey de Delini	S	LXXV	Vn pendon de plata con vn baston de oro		
	Reynado de Delini	Z	LXXXVI	Vn pendon de plata con vn baston de oro		
89	Rey de Viguy	S	=LXXV	Vn pendon de plata con vn baston de oro		
	Rey de Vyguya	Z	LXXXVII	Vn pendon de plata con vn baston de oro por medio atal commo el Diljni, asi fecho		

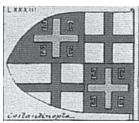
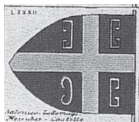
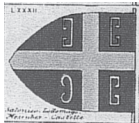
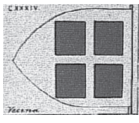

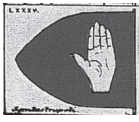

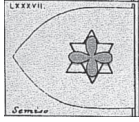
continua...

Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
90	Rey de Oxanap	S	=LXXV	Vn pendon de plata con vn baston de oro		
	Rey de Oxavat	Z	LXXXVIII	Vn pendon de plata con vn baston de oro		
91	Jnsula de Jaua	S	LXXVI	(...)		
	Ínsola de Java	Z	LXXXIX	adoran al jnperador de Catayo, cuyos vasallos son, et traen su ymagen en los pendones		
92	Jmperio de Armalec	S	=LXXV	Vn pendon de plata con vn baston de oro		
	Imperio de Almalec	Z	XC	Vn pendon de plata con vn baston de oro		
93	Enperador de Catayo	S	LXXVII	Vn pendon de oro et en medio vn emperador asentado con paños blancos et tiene corona jnperial en la cabeça et en la mano vn arco torqui et en la otra mano vna mançana de oro		
	Enperador de Catayo o Gran Can	Z	XCI	Sus senalles son vn enperador asentado en vn pendon de oro et vestido de paños blancos, et tiene corona jnperial en la cabeça et en la mano, vn arco turquij e en la otra mano, vna mançana		
94	Rey de Şçim	S	LXXVIII	Vn pendon de plata et en medio la figura del sol		
	Rey de Şçim	Z	XCII	Vn pendon de plata et en medio la figura del sol		

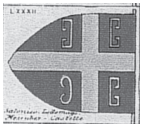

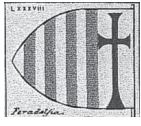
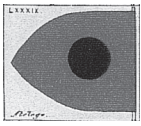

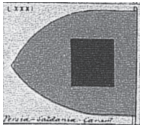


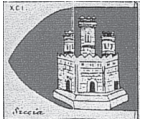
continua...

Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
95	Reyes de Bocarin et Cato	S	LXXIX	Sendos pendones amarillos con estrellas blancas muchas		
	Rey de Bocarin	Z	XCIII	vn pendon amarillo con seys strellas blancas		
96	Rey de Cato	Z	XCIV	Ha por senaççes otras tales como las del rrey de Bocarin, vn pendon amarillo con strellas		
97	Rey de Norgancia	S	LXXX	Vn pendon blanco conestas señales bermejas como vxbeco emperador de sara		
	Rey de Norgancia	Z	XCv	Vn pendon con esta senal vermeja commo Vxtete, jnperador de Sara		
98	Emperador de Persia	S	LXXXI	Vn pendon de oro et en medio vna quadra bermeja		
	Enperador de Persia	Z	XCvI	Vn pendon de oro et en medio vna quadra vermeja		
99	Rey de Saldania	S	=LXXXI	Vn pendon de oro et en medio vna quadra bermeja		
	Rey de Saldena	Z	XCvII	Vn pendon de oro con vn quoadro vermejo atal en medio		
100	Rey de Salonico	S	LXXXII	Vn pendon bermejo con vna cruz de oro et quatro eslabones de oro		

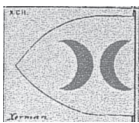
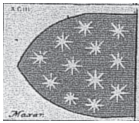
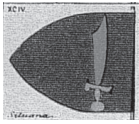
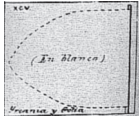
continua...

Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
101	Emperador de Constantinopla	S	LXXXIII	Vn pendon a quarterones los dos quartos blancos con cruces bermejas et los otros dos quarterones son bermejos con sendas cruces de oro et con quatro eslabones de oro		
102	Rey de Lodomago	S	=LXXXII	Vn pendon bermejo con vna cruz de oro et quatro eslabones de oro		
103	Reino de Mesenbez	S	=LXXXII	Vn pendon bermejo con vna cruz de oro con quatro eslabones de oro		
104	Ciudad Vecina	S	LXXXIV	Vn pendon blanco con estas señales bermejas		
105	Reynados de Comania, Tana et Canardi	S	=LXXX	Pendones blancos con señales bermejas como las de vxleto porque son sus vasallos		
106	Rey de Sant Estropoli	S	LXXXV	Vn pendon bermejo con vna mano blanca		
107	Emperador de Trapesonda	S	LXXXVI	Vn pendon bermejo con vn aguila de oro con dos cabeças		
108	Rey de Semiso	S	LXXXVII	Vn pendon blanco con vn signo tal como este		

continua...

Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
109	Reynado de Castelle	S	=LXXXII	Vn pendon bermejo con una cruz de oro et quatro eslaunones de oro		
110	Rey de Palolimen	S	=LXXX	(...)		
111	Rey de Feradelfia	S	LXXXVIII	Vn pendon con vandas blancas et cardenas et cerca de la vara vna cruz bermeja el campo blanco		
112	Rey de Atologo	S	LXXXIX	Vn pendon bermejo et en medio una rueda prieta		
113	Rey de Deruent	S	=LXXX	Ha por señales asi como vxbeco porque es su vasallo		
114	Rey de Caraol	S	=LXXXI	Vn pendon amarillo con quadra bermeja		
115	Emperador de Sara	S	=LXXX	Vn pendon blanco con vna señal bermeja		
116	Rey de Sebur	S	=LXXX	Vn pendon blanco et señales bermejas como el emperador de sara		
117	Rey de Siccia	S	XCI	Vn pendon roxo con vn castillo blanco		

continua...

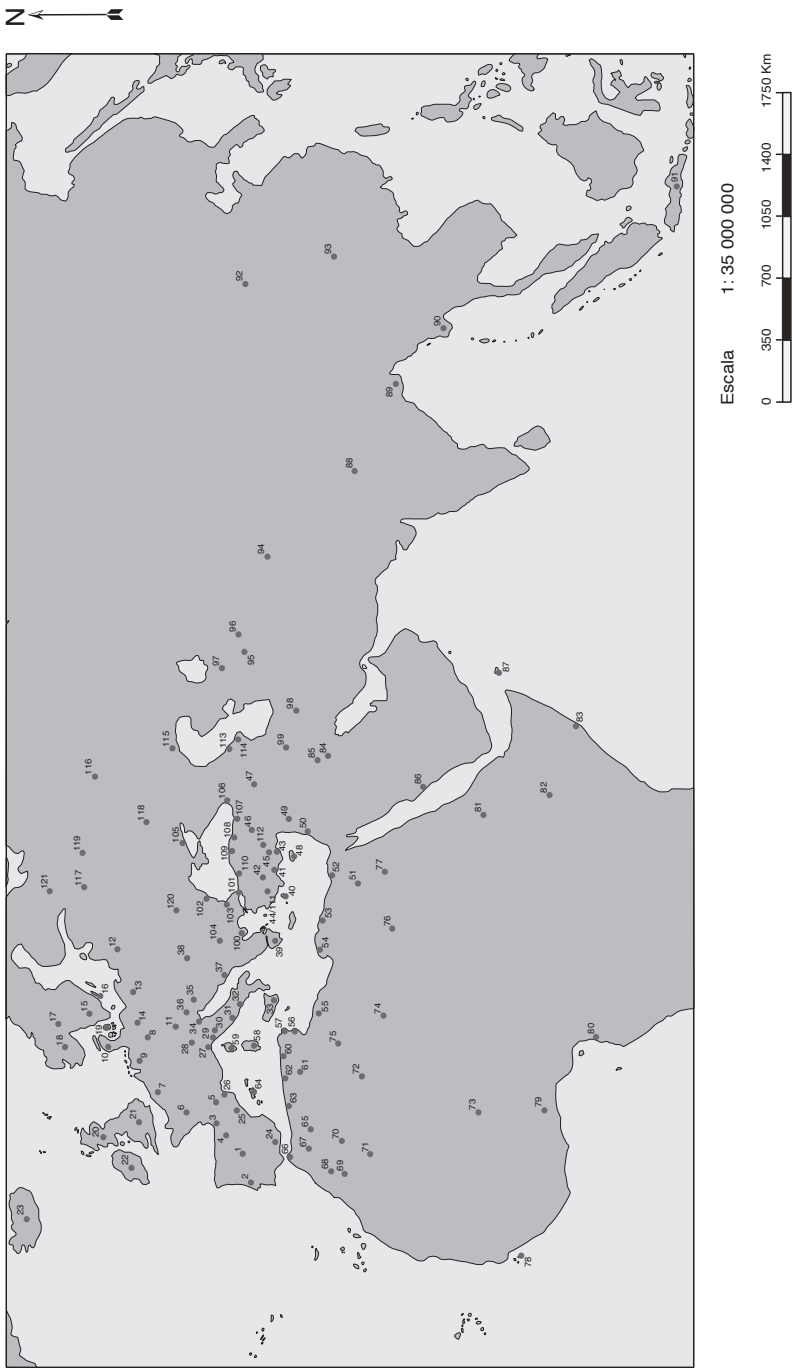
Nº	Domínio	Ms.	Escudo	Descrição	Iconografia ms. S	Iconografia ms. Z
118	Reynado de Xorman	S	XCII	(...)		
119	Rey de Maxar	S	XCII	Vn pendon cardeno con estrellas blancas		
120	Rey de Siluana	S	XCIV	Vn pendon verde con vn alfanje bermejo		
121	Rey de Yrcania et Gotia	S	XCIV	(...)		

O resultado é inequívoco: o autor do LC concebe o mundo conhecido como uma vasta área sob governação senhorial – individualizada pelo recurso à representação heráldica –, que tem por base uma lógica de centro-periferia, isto é, uma lógica onde impera o princípio do descentramento.

À medida que nos afastamos da região considerada como espaço de Ordem, segurança e harmonia, ou seja, o espaço conhecido – o mundo de influência mediterrânica, sobretudo o europeu –, os poderes perdem a sua força e perdem, inclusive, a capacidade de representação (ver mapa 1).

A aplicação cartográfica dos sinais heráldicos presentes no LC, revela-nos um mundo político que podemos dividir em três anéis ou zonas de influência, cuja importância vai diminuindo à medida que nos afastamos do epicentro, isto é o Mar Mediterrâneo. Assim, em primeiro lugar, temos a bacia do *mare nostrum*, em especial a margem europeia, que se estende da Península Ibérica à Ásia Menor. Fora deste primeiro e principal perímetro destaca-se uma vasta região que abrange (em forma elíptica horizontal) o Norte da Europa (Ilhas Britânicas, França, Frísia, Alemanha, Polónia), as regiões circundantes ao Mar Cáspio e as regiões do Norte do Sara. Finalmente, numa terceira zona de influência, surgem o extremo norte da Europa (Islândia, Escandinávia, Rússia), a Ásia central e extremo-oriental, e a África subsariana, com particular incidência na região da Etiópia e da Somália. Para

Mapa 1

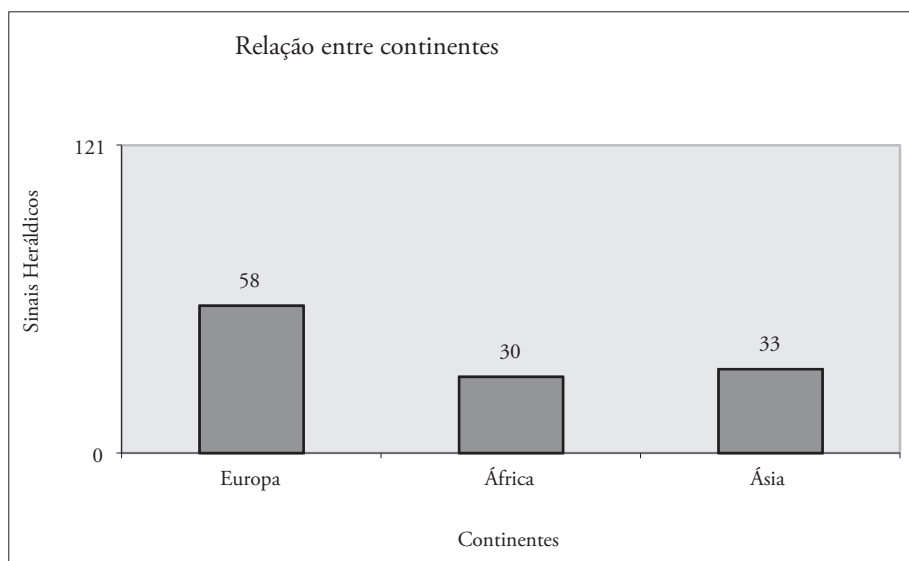


lá destes três anéis, que através dos emblemas heráldicos representam o poder senhorial no mundo, fica o desconhecido, o caos, a desordem, o anti-mundo.

A distribuição dos sinais heráldicos pelos três continentes conhecidos (ver quadro 6 e gráfico correspondente), acaba por corroborar esta visão do mundo: a Europa abarca 58 sinais, aproximadamente metade do total de 121. A Ásia e a África apresentam valores aproximados, o que confirma a tese dos anéis/zonas de influência.

Quadro 6

Continentes	Sinais Heráldicos
Europa	58
África	30
Ásia	33
Total	121



No que respeita à diferenciação entre classes de armas e respectivos titulares há que assinalar que a classe de dignidade, com 93 ocorrências, é sem dúvida a preferida do autor do texto (ver quadro 7). Em seguida, apresenta-se a classe de armas territoriais, com 27 ocorrências, e só depois, com apenas 1 ocorrência, a classe de armas pessoais.

Quadro 7

Classes de Armas	Titulares	Oc.	Totais
Pessoais	Preste João	1	1
De dignidade	Imperadores	8	93
	Reis	74	
	Príncipes	1	
	Senhores	10	
Territoriais	Impérios	1	27
	Reinos	16	
	Terras	1	
	Ilhas	3	
	Províncias	1	
	Cidades	5	
Total geral			121

Estes valores confirmam a tese de que para o autor do *LC* o mundo é um espaço de poderes senhoriais. Todos os territórios estão subordinados à autoridade de um potentado.

Ao nível dos titulares, seja em termos gerais, seja em termos da classe em que se insere, a supremacia cabe de forma inequívoca aos *reis* (74 ocorrências). De resto, no âmbito da classe de armas territoriais, os titulares mais referenciados “voltam” a ser os *reinos* (16 ocorrências).

O *LC* é um documento, simultaneamente, pioneiro e único no quadro da Europa ocidental em termos de sinais heráldicos — a sua colecção de armas de soberanos é a mais ampla de todas as que, nos séculos XIV e XV, se fizeram no espaço europeu. Com efeito, uma das suas maiores originalidades reside no facto de apresentar emblemas sob a forma de um livro de viagens e de, neste âmbito das viagens, recolher um vasto elenco heráldico relativo aos soberanos mundiais e aos principais espaços de poder do mundo conhecido⁵⁸.

Ao nível da Península Ibérica, o *LC* é inequivocamente o primeiro documento a funcionar como relato de viagens e repertório heráldico. É, igualmente, o primeiro documento a conjugar de forma, podemos dizer, maximizada, a vertente estética e utilitária⁵⁹.

⁵⁸ Cf. Maria Jesús Lacarra y Alberto Montaner, “Análisis codicológico y tradición del manuscrito Z”, *op. cit.*

⁵⁹ Cf. Alberto Montaner “El Libro del conocimiento como libro de armería” in *Libro del conocimiento de todos los reynos et tierras et señorios que son por el mundo, et de las señales et armas que han*, *op. cit.*, pp. 43-75.

Um aspecto a reter é que a presença de tão ampla componente heráldica funcionava exemplarmente como garante da veracidade e aplicabilidade do documento – qualidades reforçadas pelo facto de o autor se apresentar como testemunha pessoal desses «señales». Daí, aliás, que a relação estética/funcionalidade/utilidade tenha certamente constituído uma das suas principais preocupações aquando da feitura do texto.

Como é natural, os sinais heráldicos mais distantes da Cristandade possuem algum grau de fantasia⁶⁰; no entanto, esta resulta mais do conceito de espaço do que da vertente simbólica propriamente dita. Ou seja, o emblema não é fantástico *per se*, mas porque simboliza um remoto e exótico senhorio asiático ou africano.

O autor do *LC* concebe o mundo (por ele conhecido e/ou imaginado) como uma entidade *global*. Comprova-o a representação heráldica que faz do mesmo. Ora, como grande fundamento teórico desta concepção espacial de carácter globalizante sobressai a *alteridade*.

Imaginários ou reais, o autor opera sempre uma avaliação dos espaços, por forma a integrá-los na *ordenada* mundividência que constrói, inclusive os territórios longínquos e exóticos, onde predomina o habitante das periferias do mundo, que tanto encantou e excitou a imaginação do homem medievo. Falamos dos lugares da desordem e do caos (os quais, afinal, também podem ser pensados e enquadrados).

O conhecimento desse *Outro* espaço é sempre obtido através de um raciocínio analógico – “identifico/conheço o outro lugar por analogia com o meu, aquele que melhor concebo e compreendo”. Vejam-se, a título de exemplo, os casos da «Jnsula de Jaua» (nº 91 no quadro 5) e do «Enperador de Catayo» (nº 93 no quadro 5), cuja descrição textual e iconográfica reflecte de forma inequívoca este processo cognitivo.

Na base do exercício de alteridade sobressai, pois, o olhar do anónimo viajante enquanto portador dos seus próprios padrões culturais e geográficos; padrões que condicionam inevitavelmente o seu juízo. Estamos, assim, perante uma avaliação geográfica e antropológica que funciona consoante o *Outro* (espaço e respectivo habitante), na imagem que dele o autor constrói, se aproxima ou afasta do padrão que *a priori* definiu para si mesmo e de que não abdica.

A partir do seu código de valores referencial, ou seja, o vigente no seu espaço de origem – a Península Ibérica – o autor avalia e concebe, enfim, o espaço *Outro*.

⁶⁰ Afirmamos “algum”, pois existem excepções flagrantes como comprovam os nºs 91 e 93 do quadro 5.

8. Repercussões do LC

Desde logo, a utilização das informações contidas no texto pelos conquistadores das Canárias. Com efeito, o LC foi eleito por João Verrier e Pedro Bontier, capelão e cronista de João Bethencourt, para facilitar ao seu senhor notícias sobre as costas do Cabo Bojador, que este pensava incorporar nos seus domínios cerca do ano de 1404.

Para além desta consequência, a única realmente provada, há que ter em conta a validade da hipótese levantada por Peter Russell⁶¹ em relação à eventual utilização do LC pelo Infante D. Henrique na preparação das expedições ao litoral ocidental africano. Afinal, o inverosímil do itinerário do LC não impediu que a obra fosse escolhida para guiar uma exploração com a envergadura da de Bethencourt.

No capítulo VII da *Crónica da Guiné*⁶² é facilmente identificável o conhecimento do LC quando se noticia o desejo do Infante D. Henrique de entrar em contacto com o Preste João, já que se afirma ser possível, através da foz do Rio do Ouro, enquanto braço do Nilo, um tal objectivo, ou seja, a partir da costa ocidental africana atingir a África oriental e, mais especificamente, o reino do Preste João. De facto, o LC é bastante claro e positivo em relação a esta possibilidade:

«E llegamos al rrio del Oro, de que ya conte de suso, que se parte del Billo, el qual nasce de las altas sierras del polo Antarico, do dizem que es el Paraiso Terrenal, e traujesa toda tierra de Nubia et de Etyopia e partese en dos braços, el vno ba contra el el desierto de Egipto por Damjaco, e el otro braço mayor bienle al ponjente et metese en el mar Oçidental et dizenle el rrio del Oro.»⁶³

Por outro lado, ainda na *Crónica da Guiné*, no capítulo XVI, também se refere como, chegados ao Rio do Ouro, procuraram os homens do Infante averiguar se havia do Preste João qualquer notícia.

De resto, no LC surge ainda uma segunda possibilidade de atingir a África oriental pelo litoral ocidental:

⁶¹ Cf. Peter E. Russell, "A Quest Too Far: Henry the Navigator and Prester John", *op. cit.*; *Idem*, "The Infante Dom Henrique and the *Libro del conocimiento del mundo*", *op. cit.*.

⁶² Cf. Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Guiné*, Lisboa, Civilização, 1998.

⁶³ ms. Z, escudo LXXVI

«Et en este rreynado Amemjan entra vn braço del rrio Eufrates el que nasce de ças altas syerras del polo Antarico, do dizem que es el paraíso Terrenal. E este rrio Eufrates fazese tres braços; el vn braço entra por medio del rreyno de Amemjan, e los otros dos braços çercan todo el rreyno que han en ancho en algunos lugares dos jornadas. E asy es el rreyno muy grande. E dende trabese el dicto rrio et andude muy grant camjno en su rribera que es mucho poblada, e llegue a vna grand çivdat que le dicen Graçiona, que es cabeça del jnperio [de] Abdeselib que qujere dezir sieruo de la cruz. E este Abdeselib es de la ygleia de Nubia e de Ethiopia e este defiende al Preste Johan, que es patriarcha de Nubia e de Ethiopia, e señorea muy grandes tierras et muchas çivdades de christianos»⁶⁴.

Outra repercussão, desta feita de carácter mais abstracto, provocada pelo *LC* inscreve-se na teoria defendida por Hans Robert Jauss de que uma obra literária determina e é determinada pelo auditório que a recebe. Por outras palavras, o texto não atinge o auditório como se tivesse surgido do nada. Há uma aclimação provocada por obras precedentes da mesma índole, a qual vai ser reforçada pela chegada do novo documento, que assim, por sua vez, contribui e determina a forma como o texto seguinte será recebido por esse mesmo auditório⁶⁵.

Esta tese de Jauss vai de encontro à forma como os relatos de viagens eram recebidos na transição do século XIV para o século XV. Com efeito, estas narrativas tiveram inevitavelmente repercussões na vivência das sociedades que as viram nascer. Por um lado, porque contribuíam para a ampliação do horizonte de conhecimentos dessas mesmas sociedades; por outro lado, porque satisfaziam uma necessidade escatológica de fugir à monotonia do quotidiano e, consequentemente, alimentavam, sobretudo em termos do grupo social cavaleiresco, um desejo de percorrer os caminhos do mundo. De facto, o fascínio pelo novo e o desconhecido transmitido por estes relatos, aliado à própria experimentação do viajante que sempre desejava ir mais além, constituíam um permanente incentivo para novas empresas que, no caso do mundo peninsular, culminaria com os descobrimentos geográficos dos finais da Idade Média.

Não surpreende, por tudo isto, que na primeira metade do século XV, o *LC* tenha alcançado grande popularidade, sobretudo em Castela. Afinal, como já assinalámos, a sua singularidade e aparente verosimilhança fizeram

⁶⁴ ms. Z, escudo LXXIX. De salientar que neste ponto do itinerário, o autor do *LC* engana-se ao evocar o rio Eufrates.

⁶⁵ Cf. Hans Robert Jauss, *op. cit.* p. 23 e 25.

com que nos inícios de Quatrocentos, os cronistas da expedição francesa às Canárias tivessem recorrido ao seu conteúdo, considerando-o uma fonte rigorosa e fidedigna.

Conclusão

Relação apresentada como verídica, na qual o autor descreve, na primeira pessoa, as suas deslocações por vastas e longínquas regiões – que, ao fim e ao cabo, abarcam todo o mundo conhecido à época⁶⁶ –, o *LC* impõe-se como um dos textos ibéricos mais significativos ao nível da representação do espaço enquanto lugar de poderes⁶⁷.

Prova maior desta premissa é a atenção dedicada ao tópico da heráldica. Uma atenção tão criteriosa quando abrangente: o mundo apresenta-se organizado como uma vasta rede de poderes devidamente classificados e estabelecidos, cabendo à iconografia heráldica ordenar esta classificação mediante a identificação dos grandes protagonistas do poder (neste processo destaca-se o papel determinante do exercício da alteridade).

Por outras palavras, é o escudo heráldico *per se* que garante a lógica organizativa do mundo e, consequentemente, a compreensão do mesmo enquanto espaço integrado de poderes.

Noutra vertente, o princípio intrínseco que marca e define a visão do mundo presente no *LC* reside na combinação harmoniosa de dois tópicos: uma estruturante lógica de centro-periferia e uma concepção integral do espaço que compõe o mundo. É com base em tal combinação que o autor pode, com segurança, avançar o itinerário e a cidade como grandes eixos do relato – em relação a esta última, especificamente, sobressai o estatuto central na definição de territórios e na qualidade de centro organizador de toda a vida política, económica e cultural.

Daqui resulta uma visão do mundo nobiliárquica, unitária e totalizadora: o mundo é um espaço senhorial, simbolicamente identificado por via da heráldica. Por outras palavras, é por excelência um espaço político onde o poder dos senhores leigos se sobrepõe ao poder dos eclesiásticos. Não há terra de ninguém. Tudo tem um senhor. É o primado do mundo como um conjunto de poderes,

⁶⁶ Cf. María Jesús Lacarra, “La imaginación en los primeros libros de viajes”, *op. cit.*.

⁶⁷ Prova de que o *LC* corresponde a uma determinada mundividência e, mais especificamente, a uma determinada concepção do espaço pelo homem coevo da sua redacção, são, em última análise, as já enunciadas repercussões da obra.

claramente repartidos. Estamos então perante uma poderosa antevisão do que será Tordesilhas⁶⁸ e a concepção geopolítica que marcará o modernismo.

A vertente didáctica e utilitária do *LC* é particularmente reveladora da forma como este acompanha o espírito de inovação e mudança que caracteriza a Europa ocidental da Baixa Idade Média. Por um lado, o *LC* constitui uma perfeita relação entre cartografia e conhecimentos letrados, como é característico das cartas náuticas ibéricas coevas, em particular as portuguesas. Por outro, configura-se como um precioso instrumento de apreensão, compreensão e representação da realidade que se poderia deparar ao narrador/viajante ao percorrer vias terrestres e marítimas, reais ou imaginárias.

Nesta medida, o *LC* reflecte a emergência do homem renascentista, aquele que não receia utilizar a experiência pessoal e que concebe a escrita e o elemento imagético como um meio fundamental para preservar, acrescentar e inclusive manipular o saber adquirido.

Se ao longo dos seus fólios o mundo surge descrito em função do itinerário, da toponímia e dos espaços percorridos, então a viagem impõe-se necessariamente como uma grande via para o conhecimento. Um conhecimento que permite reflectir e questionar o sentido do mundo, traduzindo-se, enfim, numa nova forma de encarar os problemas tradicionais da humanidade.

No seu conjunto, a visão do mundo que o *LC* apresenta deve relacionar-se com o espaço que serviu de berço ao seu autor: a Península Ibérica dos finais do século XIV.

Com efeito, o *LC* não é apenas uma original compilação de bandeiras e escudos heráldicos, nem só uma notável enciclopédia de *mirabilia*. Vai muito para além disso. Na essência, é uma fonte única no contexto dos relatos de viagens medievais, expressando o modo como a Península Ibérica olhava o mundo – o qual, por sua vez, apresenta-se essencialmente como um conjunto de espaços a percorrer.

Situada numa zona periférica da Cristandade e da sua ordem e segurança, a Ibéria percepcionava o desconhecido, isto é, o antimundo, a terra do *Outro* e o diferente, onde reinavam o caos e a desordem, como um espaço que não era necessariamente negativo. Via-o antes como uma realidade passível de ser conhecida e descoberta.

Apresentado frequentemente como um mapa feito com palavras, o *LC* não se contrai nos limites estáticos da carta cartográfica. Mediante a ordem narrativa

⁶⁸ Referimo-nos ao *Tratado de Tordesilhas*, assinado na povoação castelhana de Tordesilhas em 7 de junho de 1494, celebrado entre o reino de Portugal e o recém-formado reino da Espanha para dividir as terras *descobertas e por descobrir* por ambas as Coroas fora da Europa.

ele conduz-nos por um mundo que tem coisas importantes a mostrar na e pela viagem. E em todo este processo, o espaço assume-se como grande motor de descoberta e reflexão.